

FACULDADE CÁSPER LÍBERO
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO

FERNANDA DA SILVA RIBEIRO

**VELOCIDADE, EXPERIÊNCIA E ECOTEMPO: A COMUNICAÇÃO NA
CONTEMPORANEIDADE**

SÃO PAULO

2017

FERNANDA DA SILVA RIBEIRO

**VELOCIDADE, EXPERIÊNCIA E ECOTEMPO: A COMUNICAÇÃO NA
CONTEMPORANEIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-graduação - Mestrado em
Comunicação da Faculdade Cásper
Líbero.
Orientador: Prof. Dr. José Eugênio de
O. Menezes.

**SÃO PAULO
2017**

Da Silva Ribeiro, Fernanda.

Velocidade, experiência e ecotempo: a comunicação na contemporaneidade/ Fernanda da Silva Ribeiro. -- São Paulo, 2017.

83 f.

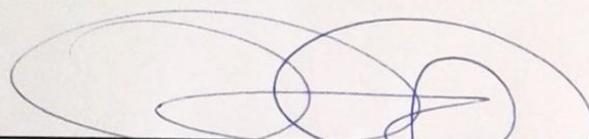
Orientador: Prof. Dr. José Eugênio do Oliveira Menezes
Dissertação (mestrado) – Faculdade Cásper Líbero, Programa de Mestrado em Comunicação

1. Comunicação. 2. Velocidade 3. Experiência. I. Menezes, José Eugênio. II. Faculdade Cásper Líbero, Programa de Mestrado em Comunicação. III. Velocidade, experiência e ecotempo: a comunicação na contemporaneidade.

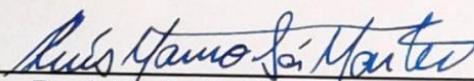
ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

AUTORA: FERNANDA DA SILVA RIBEIRO

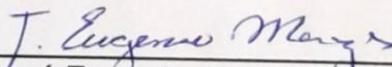
“VELOCIDADE, EXPERIÊNCIA E ECOTEMPO: A COMUNICAÇÃO NA
CONTEMPORANEIDADE ”



Prof. Dr. Mauricio Ribeiro da Silva
Universidade Paulista - UNIP



Prof. Dr. Luis Mauro Sá Martino
Faculdade Cásper Líbero - FCL



Prof. Dr. José Eugenio de Oliveira Menezes
Faculdade Cásper Líbero - FCL

Data da Defesa: 11 de outubro de 2017

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço aos meus pais, por me estimularem sempre nos estudos e na investigação sobre a vida e por estarem continuamente presentes; ajudando, dialogando, impulsionando. E sempre com muito amor.

Ao meu muito especial orientador, Prof. Dr. Eugênio, um verdadeiro mestre, que ajudou a encontrar meu próprio caminho dentro da pesquisa, com sabedoria, calma e experiência.

Às grandes amigas – irmã e prima, respectivamente – Vanessa e Ticiane, por me proporcionarem conversas profundas sobre o ser e o mundo e por me incentivarem e me valorizarem nesta trajetória. E também ao meu irmão, por estar por perto com seu sorriso e sua linda filha.

À amiga Nathy, sempre me levando à arte, para o respiro dos deuses após horas de escrita.

Às queridas amigas Tamara Castro, Thaís Iervolino e Claudiana Cabral, com quem compartilhei muitos dos momentos difíceis e alegres dessa pesquisa, bem como momentos de muita reflexão acadêmica.

À doce e sábia Fernanda Kivitz, que além de me apoiar e compartilhar momentos importantes, foi fundamental para me ajudar a escolher o tema desta pesquisa.

Às minhas mestras intelectuais, Maria do Carmo (Tia Ia) e Marília Fiorillo; inspirações para a carreira acadêmica.

Aos queridos primos que estão sempre na minha vida e entendem e me apoiam em minha dedicação aos estudos.

Ao querido Prof. Dr. Roberto Chiachiri, pessoa fundamental na minha trajetória acadêmica, trazendo questões importantes e me fazendo repensar sempre sobre os fenômenos, de forma curiosa e prazerosa.

Aos maravilhosos Profs. Drs. do mestrado Dimas Künsh e Marcelo Santos, com quem aprendi muito, não apenas sobre Comunicação, mas também sobre relações no ensino-aprendizagem.

Ao Prof. Dr. Paulo Niccole Ramirez, por me ensinar sobre Walter Benjamin e me mostrar a beleza do dialogismo na obra do filósofo alemão.

Aos colegas de trabalho, sempre me perguntando sobre a pesquisa e me apoiando. Também aos colegas do mestrado, por participarem de importantes discussões.

Aos membros da banca de qualificação; ao Prof. Dr. Norvall Baitello Junior, por aceitar carinhosamente meu pedido, entre tantos compromissos importantes, para compor a

banca e apresentar seu sábio e profundo olhar sobre a Comunicação, e ao Prof. Dr Luís Mauro Sá Martino, por acolher meu trabalho e apontar questões importantes na minha pesquisa.

Agradeço, também, a todos que contribuíram de alguma forma para a realização desta dissertação e para que eu seguisse firme no mestrado.

Obrigada!

Era um vendedor de pílulas aperfeiçoadas que aplacavam a sede. Toma-se uma por semana e não é mais preciso beber. - Por que vendes isso? perguntou o príncipezinho. - É uma grande economia de tempo, disse o vendedor.[...]. A gente ganha cinquenta e três minutos por semana. - E o que se faz, então, com os cinquenta e três minutos? - O que a gente quiser..

Saint-Exupéry

RIBEIRO, Fernanda da Silva. **Velocidade, experiência e ecotempo: a comunicação na contemporaneidade.** 2017. 80 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2017.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo investigar se nas sociedades contemporâneas, nas quais a passagem do tempo é sentida de forma cada vez mais veloz, a experiência, conceituada pelo filósofo alemão Walter Benjamin, a partir de seu texto “Experiência e Pobreza”, vem se transformando e, se sim, como tem se dado essa transformação. A partir de entrevistas realizadas com jovens adultos entre 30 e 36 anos, que trabalham e moram na cidade de São Paulo, relata como a atenção voltada às atividades do cotidiano tem se dado e o quanto isso revela a respeito da forma como a experiência tem sido vivida. Considerando as críticas de Benjamin ao excessivo desenvolvimento técnico das sociedades modernas, assim como as reflexões dialógicas propostas por esse autor, analisa a maneira como a experiência é vivida na atualidade pelo grupo estudado. Entre os demais autores que contribuem para a compreensão do tema destaca, por parte do comunicólogo espanhol Vicente Romano, a formulação da noção de ecotempo, que propõe um equilíbrio entre as ordens cultural e natural do tempo. Constata, finalmente, a necessidade de se atentar às diferentes temporalidades de vida existentes como condição fundamental para que a experiência, no sentido benjaminiano, ocorra na contemporaneidade.

Palavras-chave: Velocidade. Tempo lento. Experiência. Ecotempo. Ecologia da Comunicação.

ABSTRACT

The present work has the intention to investigate whether, in the contemporary societies, in which the passage of time is felt increasingly faster, the experience, as conceptualized by German philosopher Walter Benjamin, in his work "Experience and Poverty", has been transforming itself, and, if so, how this transformation has been occurring. From interviews made with young adults between 30 to 36 years old, who work and live in the city of São Paulo, states how the attention directed to the everyday activities are being lived. Considering Benjamin's critics in relation to the excessive technical development of modern societies, as the dialogic observation proposed by this author, analyzes the way the experience is being lived in the present by the studied group. Among the other authors who contribute to the comprehension of the theme, features, by the part of Spanish Communicologist Vicente Romano, the formulation of the notion of ecotime, that establishes a balance between the cultural and natural orders of time. Concludes, finally, the need to be attentive to the different temporalities of life that exist as a fundamental condition so that the experience, in the Benjamin sense, occurs in the contemporaneity.

Keywords: Speed. Slow time. Experience. Ecostime. Communication Ecology.

SUMÁRIO

Introdução.....	9
Capítulo 1 – Notas sobre o tempo.....	15
1.1. O início da organização temporal.....	16
1.2. Revolução Industrial e a aceleração dos modos de produção	18
1.3. Cultura digital e o modo <i>always-on</i>	22
Capítulo 2 – Velocidade e tecnicismo social.....	27
2.1. Tempo mercantil.....	28
2.2. O corpo-máquina	31
Capítulo 3 - A experiência na contemporaneidade	35
3.1. A experiência em Walter Benjamin.....	35
3.2. Tempo lento, vínculo e experiência	40
3.3. Dromologia x <i>experiência</i> : a busca pelo ecotempo	45
Considerações finais	55
Referências	60
Apêndice.....	64

INTRODUÇÃO

É uma queixa comum que não temos tempo pra nada, mas nós não precisamos de mais tempo, precisamos sim de um tempo que seja nosso. Não é uma questão de quantidade, mas de soberania.

Mia Couto

“Quanto tempo tem o tempo?”, pergunta um ditado popular muito conhecido. Depende: da época, da cultura, da organização socioeconômica e de como as pessoas se relacionam com ele.

Intrigada com a recente “falta de tempo” anunciada por boa parte das pessoas das grandes cidades, e como moradora de grande metrópole que sou, me pus a observar nos últimos anos como os indivíduos se relacionam com suas atividades diárias nos centros urbanos em relação ao tempo que eles dedicam às suas atividades e a si mesmos. Por que correm tanto? Para onde vão? O que fazem? Como lidam com a subjetividade? Como se relacionam socialmente? Como experienciam suas atividades? Como trabalham? Como se comunicam?

Foram essas as questões que me mobilizaram para a pesquisa desenvolvida a partir de 2014 na área de Comunicação na contemporaneidade da Faculdade Cásper Líbero, cujo objetivo foi investigar a dinâmica dos avanços tecnológicos dos processos da mídia e seus impactos nas sociedades, sobretudo em relação à *experiência* dos jovens adultos envolvidos com essas tecnologias.

Alguns filósofos, escritores e pesquisadores dos séculos XIX e XX, como Norbert Elias, Hans Blumenberg, Walter Benjamin, Paul Virilio, Krzysztof Pomian e Vicente Romano, refletiram a respeito do tempo nas dinâmicas culturais e nos contextos sociais locais e globais. Como o tempo é sentido? Como é construído? Qual a relação que uma determinada época estabelece com ele? Como uma sociedade se organiza em relação a ele? Essas são algumas das questões abordadas por esses pensadores, que trazem contribuições de extrema importância para se pensar a relação do homem, hoje, com o tempo.

Pomian (1984), por exemplo, nos fala que a ideia de tempo é uma construção simbólica coletiva referente a determinados espaços e sociedades. Ele nos mostra que o tempo é a relação que as pessoas e as sociedades estabelecem com a duração e o fluxo, relação que na cultura ocidental foi denominada processo histórico. Segundo ele, é a multiplicidade de tempos que constitui a organização temporal de cada época, construída a partir das experiências humanas modeladas por crenças e representações.

A noção de tempo é uma criação cultural que se altera de acordo com o grupo, a época, a relação que se estabelece com ele, e é transmitido de geração em geração, de forma original ou modificada. A cultura é, diz Baitello Junior,

Um conjunto de artifícios simbólicos, melhor ainda, um sistema simbólico que abriga o homem e sua complexa natureza, após seu nascimento, a um tempo moldado e moldador de uma rede interativa de grupos sociais em escala diversa, desde a familiar até a escala planetária. Este sistema simbólico – como todos os sistemas de símbolo – está sujeito às transformações solicitadas pelas necessidades de seu criador e usuário (BAITELLO JUNIOR, 1999, p. 98).

A cultura é uma construção simbólica do homem, e o tempo, como construção simbólica, desempenha um papel de grande importância nas organizações sociais. Sobre a natureza simbólica do tempo, Elias coloca que

Tempo é [...] um símbolo deste tipo de sínteses apreendidas socialmente. Faz parte das dificuldades de investigação sobre o tempo o fato de que os homens não têm suficientemente claros para si próprios a natureza e o modo de funcionamento dos símbolos desenvolvidos e permanentemente utilizados por eles mesmos. Assim, eles correm sempre o perigo de se perder na selva de seus próprios símbolos. O tempo é um exemplo. Os calendários criados pelos homens, bem como os mostradores de relógios, são testemunhas do caráter simbólico do tempo (ELIAS, 1988, p. 34).

Paul Virilio, por sua vez, concentrou-se nos estudos da aceleração do tempo e seu impacto na sociedade e na cultura. Em sua análise, nas sociedades contemporâneas a imediatividade do presente passou a ter primazia sobre o passado e sobre o futuro, e a velocidade se tornou uma forma de poder.

O desenvolvimento dos meios de produção cresceu muito a partir do século XIX com a Revolução Industrial e, desde então, os transportes e os meios de comunicação passaram a funcionar de maneira cada vez mais rápida. Essa rapidez pode ser observada no surgimento das cidades que se estendeu às grandes capitais da atualidade, como a cidade de São Paulo. Tanto nas ruas como nos transportes coletivos dessas grandes cidades veem-se as pessoas correndo para chegar, correndo para falar, correndo para comer, correndo para trabalhar. Os celulares em mãos mostram dedos ágeis teclando sem parar. As pessoas leem suas mensagens andando, caminhando pelas ruas. Os *fast foods* proliferaram, e os estabelecimentos 24h e *express* têm salvado aqueles que “não têm tempo”.

Na década de 1970/1980, o horário de trabalho e o horário doméstico eram bem distintos, ou seja, tinham características bem diferentes. Não havia internet nem comunicação por meio de dispositivos móveis, e o conceito de trabalho era ligado a um ambiente concreto, diferente do lar. Assim, o horário da atividade profissional da maioria das pessoas era das 9h às 18h, e o horário de fazer compras para a casa era após o trabalho. Não se pensava em estabelecimentos 24h, porque não era necessário. Poucos ficavam até mais tarde que o horário oficial no trabalho; isso era uma exceção, não uma regra. Porém, hoje, vemos os horários de labor e de ócio se misturarem num fluxo contínuo. Segundo Vicente Romano, pesquisador espanhol na área da comunicação e da cultura, “agora se tem a semana de trabalho de cinco dias e os horários de trabalho flexíveis borram os limites sociais entre o dia e a noite” (ROMANO, 1998, p. 91).¹

Este pesquisador, assim como o filósofo alemão Walter Benjamin, que investigou o crescimento rápido e contínuo das cidades no início do século XX, nos ajudam a entender como é vivido o tempo na modernidade e na contemporaneidade e nos trazem contribuições importantes para pensar a vivência do tempo nesses momentos históricos.

Para essa dissertação foram escolhidos como *corpus*, os cidadãos e cidadãs nascidos na década de 80 no Brasil que passaram por um período de grande transição dos meios de comunicação e, conseqüentemente, dos tempos de comunicação. Essa geração (chamada por alguns de geração “Y” ou geração do milênio) é uma geração que cresceu e se desenvolveu numa época de intensos avanços tecnológicos, cuja virtualidade tornou-se um sistema de interação social e midiática entre a maioria das pessoas, e em meio aos grandes centros urbanos, altamente industrializados e de grande circulação de pessoas.

Esses jovens adultos vivenciaram as formas analógicas e digitais de comunicação à medida que eles mesmos iam se desenvolvendo. Assim, parece ter sido “natural” irem se adaptando às novas gerações de aparelhos comunicacionais à medida que iam crescendo. Eles conhecem a comunicação analógica e a digital e sabem utilizar o tempo de uso de cada uma delas. Foi justamente por esse grupo ter vivido essa forte transição dos *media*, e por circular bem entre eles, que os escolhi como ponto central desta pesquisa.

¹ "Ahora se tiene la semana laboral de 5 dias y los 'horarios flexibles de trabajo' borran los limites sociales entre el dia y la noche" (ROMANO, 1998, p. 91).

Assim, foram realizadas cinco entrevistas com homens e mulheres entre 30 e 36 anos, graduados, que trabalham e/ou estudam atualmente e que são moradores da cidade de São Paulo. As 27 perguntas realizadas tiveram como objetivo revelar como a vivência de determinados momentos de vida desses jovens adultos são experienciadas. A ideia foi verificar se eles sentem o tempo de forma acelerada e como vivem situações de profundidade, vínculo e tempo lento em seus cotidianos, identificando, assim, como a experiência se dá na vida desses jovens adultos.

Segundo Romano,

O tempo e o espaço não são apenas coordenadas da percepção, eles também determinam os processos sociais da comunicação. Daí, a pertinência de averiguar como influem os meios de comunicação na constituição do tempo e do espaço e qual papel desempenham aqui as novas tecnologias da informação e da comunicação (ROMANO, 1998, p. 17).

A *experiência*, por fim, será analisada a partir do conceito de Walter Benjamin, que a descreve como uma vivência prolongada, de vinculação forte e que se acumula na vida do sujeito, marcando-o por uma historicidade de passado, presente e futuro. Esse conceito será trabalhado especialmente com base nos textos “Experiência e Pobreza” (1933), “O narrador” (1936) e “Paris, capital do século XIX” (1935), que aponta que a partir do avanço da modernidade a *experiência* passa a se empobrecer.

Será feita, portanto, uma leitura analítica de como a *experiência* é vivida por esses jovens adultos das grandes cidades e identificar se ela vem se transformando e, se sim, como está sendo essa transformação na contemporaneidade.

Desta forma, o capítulo 1, “Notas sobre o tempo”, fará uma breve retomada histórica das organizações temporais desde a antiguidade, e a regência do tempo da natureza, passando pela Revolução Industrial, cuja sensação de aceleração do tempo se intensificou com o desenvolvimento das máquinas e dos transportes, até a contemporaneidade, com o surgimento da internet e do modo *always on*, que é estar conectado o tempo todo à internet por meio de dispositivos móveis.

O capítulo 2 aborda a velocidade e o tecnicismo social, dando ênfase ao tempo marcado pelas organizações socioeconômicas capitalistas dos séculos XX e XXI e a abordagem

do corpo-máquina como tentativa de se produzir um homem de eficiência e produtividade máximas para ao mercado, considerando as possibilidades da conexão cada vez mais crescentes entre o ser humano e a máquina.

O capítulo 3, por fim, apresenta o conceito de *experiência* abordado por Walter Benjamin na década de 1930, caminha pelas características necessárias à ação da *experiência*, como a necessidade do tempo lento, do vínculo e da profundidade, e termina por analisar as entrevistas realizadas, tensionando velocidade e *experiência* e apresentando o conceito de ecotempo, proposto por Vicente Romano, como um caminho para se chegar ao equilíbrio entre o tempo da máquina e o tempo do ser humano.

O contato com diversos autores durante o percurso desta pesquisa remeteu a um autor que, sem dúvida, inspirará a continuidade dos estudos a respeito do tempo. Trata-se do filósofo alemão, de referência fenomenológica, chamado Hans Blumenberg (1920-1996). Em 1986, Blumenberg publicou pela editora Suhrkamp o livro "Lebenszeit und Weltzeit", traduzido para o espanhol como "Tiempo de la vida y tiempo del mundo". A título de inspiração, serão utilizadas desta obra apenas as epígrafes escolhidas pelo autor, utilizadas em seus três capítulos, o mesmo número de capítulos desta dissertação.

CAPÍTULO 1
NOTAS SOBRE O TEMPO

El tempo nace com el aburrimiento.
Novalis

1.1. O início da organização temporal

Os escritos sobre a organização das sociedades antigas nos mostram que elas se arranjavam fundamentalmente em torno dos ciclos da natureza. As atividades dos homens eram divididas entre o dia e a noite, o plantio e a colheita, o calor e o frio e as estações do ano, num sistema predominantemente articulado com os ritmos do ecossistema. Desta forma, recorrer aos fenômenos naturais que fossem periódicos tornava-se a forma disponível naquele momento da história humana para se medir o tempo.

Os egípcios construíram calendários baseados nas fases da lua, cujo ciclo levava entre 29 e 30 dias, sendo um dos eventos regulares mais evidentes que permitiam a marcação do tempo. O mês de aproximadamente 30 dias é uma aproximação do ciclo lunar. A marcação do tempo por meio das constelações estelares também foi muito usada na antiguidade (PELEGRINI, 2008).

Com o desenvolvimento das sociedades, os homens foram se organizando socialmente e passaram a controlar a produção dos meios de subsistência. Assim, criaram novas formas de contar o tempo.

Segundo Norbert Elias (1998), a ideia de tempo é tratada como uma construção histórica que não somente compreende o entendimento dos símbolos numéricos, mas também a sua relação com os eventos naturais e sociais inerentes a determinados espaços e sociedades. Nesse contexto considera que cada momento histórico e cada organização social têm sua forma de se relacionar com o tempo.

Segundo Pomian,

A diversidade dos calendários é extrema. Uns se referem aos movimentos da lua, outros, aos do sol, enquanto outros tentam combinar os dois, à custa de ajustes e de intercalações. O ano, o mês, o dia são definidos de maneiras diferentes. Assim, nos antigos calendários gregos, a nova data diurna começava ao anoitecer, ao cair do sol; entre os egípcios, ela começava ao amanhecer, quando o sol se levantava; quanto aos romanos, eles mudavam a data à meia-noite. O ano, para uns, começava com uma data arbitrária, assim como o nosso 1º de janeiro. Para outros, ao contrário, começava com um acontecimento astronômico: solstício de verão ou de inverno; e não são as únicas

soluções conhecidas. Havia mesmo sociedades que utilizavam simultaneamente duas definições diferentes de ano interligadas uma à outra (POMIAN, 1984, p. 10)².

Esses autores nos mostram que a forma como nos relacionamos com o tempo muda de acordo com os grupos e as civilizações e adquire determinado sentido de acordo com essas formas de se organizar geograficamente e culturalmente.

Os modos de produção, assim como as religiões, sempre tiveram papel fundamental na estrutura das organizações sociais e culturais. Ambos, ligados ao poder do capital ou à perspectiva religiosa, impunham a forma de organização entre os povos e como eles deveriam viver, e isso determinou muitas vezes a forma como os homens se organizavam em torno do tempo.

Segundo Vicente Romano, os mosteiros da Idade Média contribuíram significativamente para a invenção do relógio e a consequente concepção mecânica do tempo. Com o objetivo de garantir a regularidade das horas canônicas, os monges, por volta do século VII, começaram a bater regularmente o sino durante o dia, marcando a hora de se dirigir às orações. Diz-se, afirma Romano, que

Atribui-se a invenção do primeiro relógio mecânico ao monge Geberto, que depois seria o Papa Silvestre, no final do século X. No XIII apareceu o relógio mecânico nas cidades que haviam adotado a rotina, a ordem e a regulação do tempo monástico. Isto era como os mosteiros contribuíram para imprimir à humanidade o ritmo pautado pela máquina (ROMANO, 1998, p. 95)³.

Nos séculos XII e XIII, a partir da expansão urbana e da fundação de grandes centros populacionais, houve um significativo desenvolvimento econômico que criou uma

² La diversité des calendriers est extrême. Les uns se réfèrent aux mouvements de la Lune, les autres à ceux du Soleil, tandis que d'autres encore essayent de combiner les deux au prix d'ajustements et d'intercalations. L'année, le mois, le jour sont définis de manières différentes. Ainsi, dans les anciens calendriers grecs, la nouvelle date diurne commençait, en général, le soir, au coucher du Soleil chez les Égyptiens, elle commençait le matin, au lever de celui-ci quant aux Romains, ils changeaient de date à minuit. L'année, pour les uns, est inaugurée par une date arbitraire, tel notre 1er janvier. Pour les autres, en revanche, son début coïncide avec un événement astronomique que solstice d'hiver ou solstice d'été et ce ne sont pas les seules solutions connues. Il y avait même des sociétés qui utilisaient simultanément deux définitions différentes de l'année, raccordées l'une à l'autre l'année (...) (POMIAN, 1984, p. 10).

³ Se atribuye el invento del primer reloj mecánico al monje Geberto, luego papa Silvestre, a finales del siglo X. En el XIII apareció ya el reloj mecánico en las ciudades, que habían adoptado la rutina, el orden o la regulación del tiempo monásticos. Así es como los monasterios contribuyeron a imprimir al colectivo humano el ritmo pautado de la máquina (ROMANO, 1998, p. 95).

situação favorável ao aparecimento de novos modelos comerciais. Além disso, as inovações agrícolas e tecnológicas deste período permitiram o aumento da produtividade e da atividade agrícolas, levando à criação de excedentes para trocas de mercadorias e movimentação dos bens adquiridos. O tempo vai deixando de ser marcado por relógios de sol, calendários lunares e ampulhetas, para ser marcado por relógios mecânicos, como aponta Pelegrini: “Houve, com a inclusão de instrumentos mais sofisticados tecnologicamente, a reafirmação do tempo como um sistema simbólico capaz de organizar os processos sociais de modo mais eficiente” (PELEGRINI, 2008, p.13).

Porém, foi no século XV, com o início denominado “mundo moderno”, que as sociedades sofreram grandes alterações no modo de geração de renda e organização social. Essas alterações mudaram fundamentalmente seus modos de vida, e, conseqüentemente, as relações do homem com o tempo.

As comunidades passaram do modo de produção feudal – cuja economia era baseada na agricultura de subsistência, no trabalho servil e no escambo – para o modo de produção capitalista – cujo objetivo era o acúmulo de riquezas. Agora, as trocas eram feitas por dinheiro e não mais por escambo, e quanto mais valioso o metal de troca (ouro ou prata), mais cara era a mercadoria. Nesse período o comércio cresceu extraordinariamente, as cidades se expandiram e a vida urbana começou a se consolidar com o aumento da população e da burguesia.

É nesse período histórico que ocorrerá uma das maiores revoluções da história e que teve grande impacto sobre a forma dos homens produzirem, se organizarem e se relacionarem com tempo: a Revolução Industrial.

1.2. Revolução Industrial e a aceleração dos modos de produção

É nessa época que se desenvolve uma concepção inédita do tempo: se antes era compreendido de forma cíclica, a partir desta época passa a ser fixado linearmente. Um novo símbolo, as flechas que marcam as horas nos relógios, passa a indicar a ideia de progresso apontando o tempo para o futuro. Aqui, a mudança fundamental é que os tempos deixam de ser marcados para acompanhar o ciclo de vida e passam a ser

fracionados em níveis de compreensão fora do tempo mensurável, que era o período de vida dos seres humanos. Pelegrini aponta que,

A flecha do tempo não poderia ser mais medida pelos ciclos observáveis da natureza, mas por uma convenção que atribui à sociedade Ocidental novos conceitos para o tempo que já nada tinham a ver com os códigos construídos para acompanhar a vida das sociedades até a morte. Os tempos sociais fracionados pela imposição industrial da produção já continham traços do que concebemos hoje como ideia coletiva de “progresso” (PELEGRINI, 2008, p. 15).

Com a Revolução Industrial ocorrida na Inglaterra entre os séculos XVIII e XIX, inchadas com o aumento do número de cidadãos que nelas atuavam como mão de obra, as cidades cresceram como nunca antes na história. O trabalho manual foi substituído pelo trabalho com as máquinas, surgiram as indústrias e as ferrovias, e o uso crescente da energia a vapor que movimentava os equipamentos e os transportes se tornou a energia principal dos equipamentos.

As carruagens que viajavam cerca de 12 km/h foram substituídas pelos trens que, à época, alcançavam por volta de 45 km/h e podiam seguir centenas de quilômetros sem precisar de descanso. Segundo Zygmunt Bauman, filósofo polonês que escreveu sobre a liquidez das sociedades modernas, com o advento do vapor e do motor a explosão a igualdade fundada no *wetware* – força dos humanos semelhante à dos animais – chegou ao fim. As pessoas podiam chegar onde quisessem com maior rapidez, e o tempo se tornou uma ferramenta voltada para encurtar as distâncias. Para ele, a história do tempo começou com a modernidade. Ele afirma que, “De fato, a modernidade é, talvez mais que qualquer outra coisa, a *história do tempo*: a modernidade é o tempo em que o tempo tem uma história” (BAUMAN, 2001, p. 140).

Paul Virilio, filósofo e urbanista francês, ao escrever sobre os motores da história, também nos mostra como as inovações técnicas transformaram fundamentalmente as relações entre os indivíduos e a natureza. Os motores a vapor, por exemplo, permitiram a circulação dos trens, que passavam a transportar as cargas e as pessoas mais rapidamente aos lugares de destino. O que se fazia em algumas semanas passou a ser feito em apenas um dia, e isso mudava toda a lógica de organização social e econômica. Essas mudanças contribuíram para o que o pesquisador chamou de “tecnicização do território”, tornando o espaço geográfico cada vez mais mecanizado, com profundas

alterações no modo de se produzir, na circulação e no consumo do espaço. Esse momento de passagem marca significativamente uma evolução tecnológica, econômica e social. Assim, a Revolução Industrial foi um grande divisor de águas na história e ajudou a tornar a percepção do mundo mais veloz.

A ordem cultural do tempo passou a não guardar mais nenhuma relação com os ritmos da natureza, e os centros urbanos passaram a guiar os ritmos de vida da população que foi se afastando do cotidiano organizado pelos ciclos do campo e se aproximando do ritmo da técnica, característico das cidades. As pessoas passaram a se guiar pelos grandes relógios instalados nas torres das igrejas e das estações de trem como orientadores dos compassos de vida diários.

Quase todas as máquinas surgidas nesse período construíram as bases para a substituição gradual do biotempo para uma temporalidade coletiva gerada e gerenciada pelas máquinas. As sociedades ocidentais passavam a sincronizar o ritmo das máquinas com os ritmos sociais, impondo novos ritmos de vida e criando ciclos mais rápidos. A ideia de cotidiano começa a surgir nessa época, marcado pelos relógios e pela sincronização dos ritmos das cidades.

O cotidiano sincronizado pela Revolução Industrial resultou numa aceleração crescente. São, novamente, as descobertas técnicas, a partir da máquina a vapor, e posteriormente da eletricidade, que operavam os novos sistemas de mediação que sincronizavam os tempos individuais fazendo surgir um novo tempo coletivo num cenário desenhado não mais a partir de um universo imaginativo, mas pelas ferramentas criadas pelo homem (PELEGRINI, 2008, p. 21).

Com o desenvolvimento da energia elétrica o homem se afastou de vez dos ritmos regidos pela natureza. Com a iluminação noturna foi possível desenvolver atividades que antes só eram possíveis de ser feitas sob a luz solar, e diversas ações passaram a ser realizadas também no período noturno. Isso ajudou a acelerar a noção de tempo que, agora, podia ser “vivido” de dia e de noite. O telégrafo elétrico substituiu a comunicação de longas distâncias que ainda eram feitas por transportes e, pela primeira vez na história humana, um ciclo de 24 horas ininterruptas poderia servir como referência para a construção de um novo sentido de tempo coletivo.

O tempo ritmado pelas rotinas das fábricas prendia o trabalho ao solo, enquanto o peso do maquinário e do trabalho mantinha a população fincada nas cidades. O homem havia deixado há algum tempo o nomadismo para se estabelecer em pequenas comunidades que foram se transformando em cidades e, posteriormente, em grandes metrópoles de concreto que ajudaram a tornar o homem um ser fixado a seu local de trabalho. Esse é o período chamado de modernidade pesada (BAUMAN, 2001).

Com o desenvolvimento técnico-científico da segunda metade do século XX, as distâncias se comprimiram e o tempo se acelerou ainda mais. Segundo Milton Pelegrini,

O trem, seguido pelo navio a vapor, pelo automóvel e depois pelo avião, que eliminavam espaços, também criavam um novo tempo social. O telégrafo elétrico, seguido pelo cabo submarino, pelo telefone, pelo rádio, pela televisão e, recentemente, pelas comunicações digitais via satélite, tornavam possível experimentar um mundo praticamente sem distâncias nos séculos XIX e XX [...] A humanidade segue, a partir da eletrônica, desenfreadamente rumo a um tempo transfinito (PELEGRINI, 2008, p. 22).

Do universo eletrônico para o digital, no final do século XX e início do século XXI, parte significativa da humanidade viu acontecer uma nova revolução: o advento da internet.

Bauman aponta que na transição da modernidade pesada – fundada nas grandes indústrias e no capital físico – para a modernidade leve – onde os produtos são mais simbólicos do que físicos e as máquinas se tornam menores e mais velozes – a internet teve papel significativo.

Com o desenvolvimento de tecnologias cada vez mais modernas, menores, sutis e rápidas, das mensagens expressas digitalmente e dos eventos se tornarem simultâneos, a modernidade leve vai se instaurando e o tempo se tornando cada vez mais veloz. Bauman reforça a ideia de modernidade líquida e da transformação do tempo em quase infinito. Ele enfatiza que:

Na era do *hardware*, da modernidade pesada, que nos termos de Max Weber era também a época da racionalidade instrumental, o tempo era o meio que precisava ser administrado prudentemente para que o retorno de valor, que era o espaço, pudesse ser maximizado; na era do *software*, da modernidade leve, a eficácia do tempo como meio de alcançar valor tende a aproximar-se do infinito (BAUMAN, 2001, p. 149).

A percepção do tempo com passado, presente e futuro, a partir do século XX e início do século XXI, passa por uma transformação significativa. Com as sociedades e seus produtos se tornando mais leves, a circulação entre os espaços passa a ser mais rápida, a comunicação se acelera e as conexões são mais frequentes. O tempo presente passa a ser a meta da vivência do cotidiano.

Para o historiador francês François Hartog, não há dúvida de que estamos no mundo contemporâneo diante da formulação de um novo regime de historicidade centrado no presente, estando em curso uma vivência de tempo em que o presentismo vigora e se consome continuamente no imediatismo, construindo-se uma ilusão de presente interminável (2014).

Até a segunda metade do século XX as sociedades ocidentais se desenvolveram sob a égide da velocidade das comunicações. Isso significou criar um mundo que deveria ser alimentado com a rapidez estratégica do progresso, promovendo assim um futuro “presenciado”, onde a relação espaço e tempo pudesse de alguma forma ser quase uma coisa só. A sincronização dos tempos de todos, inaugurada com a modernidade, torna-se ainda mais precisa com a sincronização do tempo global e passa a ser um desejo da nova época. Para Romano, o tempo de uma minoria passa a ser imposto para uma maioria, e o tempo globalizado passa a reger também o biotempo⁴ de cada um.

1.3. Cultura digital e o modo *always-on*

Com a chegada das tecnologias digitais, o tempo globalizado deixou de ser apenas um projeto político-econômico para se tornar uma realidade vivida por muitos.

Dos computadores criados na década de 1960, que tinham grande complexidade de operação, até os objetos chamados inteligentes e conectados do século XXI, o caminho trilhado foi muito rápido.

O primeiro modelo do que conhecemos hoje como transferência de dados foi realizado pela Arpanet (*Advanced Research Projects Agency Network*), instituição governamental dos Estados Unidos, no final da década de 1960. Nessa época, os documentos

⁴O conceito de biotempo será desenvolvido com maior profundidade no Capítulo 3 desta pesquisa.

transmitidos não eram como os de hoje, em formato multimídia, eram feitos por códigos e demoravam muito tempo para ser decifrados.

Em apenas 50 anos o embrião da internet se tornou o meio de comunicação mais acessado em grande parte do mundo. O que era estático passou a ser móvel, o acesso à *web*, via computadores de mesa, passou a ser feito por dispositivos móveis, e os indivíduos passaram a ficar conectados não mais apenas em um lugar fixo, mas potencialmente de qualquer lugar com conexão a seus dispositivos móveis. Os aparatos digitais tornaram-se quase que uma extensão do corpo e, hoje, em 2017, um crescente número de pessoas, nos países e locais com acesso à internet, porta um aparelho móvel conectado.

Alguns estudiosos chegam a apontar o fenômeno da internet como um dos grandes marcos históricos da humanidade, como foi a Revolução Industrial. “Estamos vivendo um grande momento de ruptura, com a sociedade da informação, [...] uma profunda revolução técnico-científica da mesma proporção que foi a Revolução Industrial” (SILVEIRA, 2013, p. 12).

Nick Couldry, sociólogo de mídia e cultura e professor de Mídia, Comunicação e Teoria Social na *London School of Economics* (LSE), também nos mostra que as mudanças nas tecnologias de transmissão de mídia foram tão disruptivas quanto aquelas ocorridas a partir de meados do século XIX, pois mudaram a lógica da produção e da comunicação. Elas não só aprimoraram algo já existente como trouxeram uma nova maneira de relacionamento do homem com o tempo. Ele diz que:

Se considerarmos o salto entre a era do telégrafo (ou mesmo do fax) e a era da internet, isso envolveria uma mudança de comunicação transcontinental (por exemplo, de documentos longos) da ordem de 10 minutos para comunicações que são completadas em prazos de 1 segundo ou menos: uma aceleração de somente 600 vezes! Qualquer que seja nossa experiência recente de rompimento através de comunicações aceleradas, não podemos reivindicar que, em termos absolutos e tomadas isoladamente (desconsiderando a quantidade de informação que pode hoje ser transmitida rapidamente), as recentes mudanças nas tecnologias de transmissão da mídia foram tão disruptivas quanto aquelas ocorridas a partir de meados do século 19 (COULDRY, 2015, p. 66).

A era da conexão digital quebrou distâncias e territorialidades. Segundo Paul Virilio, na cibercultura, ou cultura digital, a realidade é definida por um mundo virtual onde se

pode estar em todos os lugares e, ao mesmo tempo, em nenhum, perdendo-se a noção de tempo e espaço. O que antes víamos apenas nos filmes de ficção científica passou a ser uma realidade: a simultaneidade. Ou seja, estar no mesmo tempo e espaço permanentemente passou a ser uma realidade.

O avanço operacional registrado nas tecnologias de comunicação de massa, desde o início do século XX, permite uma melhor compreensão sobre a crescente economia de espaços em favor de uma anunciada economia de tempo. E, ao que parece, isso resultou na construção de um conceito de tempo coletivo nascido da própria abstração do espaço. As máquinas de comunicação confinaram o espaço em suportes cada vez menores e abreviaram o seu tempo correspondente. Isso afetou, também, os vínculos sociais (PELEGRINI, 2008, p. 22).

A instantaneidade se refere a um movimento muito rápido e a um tempo muito curto. Estar aqui e lá, concomitantemente, falar com alguém do outro lado do mundo em tempo real e contornar o continente em apenas algumas horas, tornou-se não só possível como passou a ser o *modus operandi* de significativa parcela da população contemporânea. A chamada “era digital” parece ser o período do imediatismo e do instantâneo.

Com os celulares mais compactos, leves e de fácil manuseio somados a baterias mais potentes e à conexão rápida, passamos a ficar potencialmente o tempo todo acessíveis, trabalhando e nos comunicando instantaneamente durante várias horas. O termo *always-on* surge desse novo modo de estar acessível, sempre “ligado” e disponível para receber um chamado.

Essa instantaneidade traz um deslocamento temporal radical em direção à experiência midiática de um presente contínuo: na era da mídia *always-on*, o passado importa pouco, o futuro chega rápido e o presente é onipresente. Alcançar qualquer pessoa em qualquer lugar gera uma inversão de espaços públicos e privados, forçando necessariamente as pessoas a alterarem hábitos e rotinas.

Pellanda afirma que

Uma das características dos espaços físicos sendo permeados pela rede em um ambiente de mídia *always-on* é a completude de um dos anseios humanos, a onipresença. [...]. A onipresença se dá pela possibilidade de estar conectado a vários espaços simultaneamente, com um mínimo de descolamento físico (PELLANDA, 2012, p. 05).

Estar onipresente é estar acessível ininterruptamente. O *status* de presente transfinito, presente *continuum* ou *always-on* é a busca incessante de um futuro que já se mostra presente. As mídias digitais se colocam a serviço da conexão contínua e são entendidas como resultado da crença de que a velocidade é a tradutora de um futuro que pode sempre se presentificar.

As implicações das tecnologias digitais para nossa experiência de transformação do tempo sugerem mudanças não somente em práticas individuais, mas também em articulações entre práticas em um nível global. As solicitações instantâneas atingem diretamente nossa maneira de nos relacionarmos uns com os outros e com o mundo, colocando-ns novos ritmos.

Assim, levantam-se as seguintes questões: quais as consequências de estarmos o tempo todo conectados? Que implicações isso tem na nossa vida cotidiana? Que valores estão por trás desse modo de funcionar? Como experienciar algo numa cultura cujo tempo é percebido de forma cada vez mais veloz?

As entrevistas realizadas para esta pesquisa nos dão pistas de como o jovem adulto se relaciona com esse tempo na contemporaneidade.

Apesar de a maioria ficar com o celular ligado o tempo todo, muitas vezes no modo silencioso ou vibratório, não necessariamente respondem às demandas e mensagens no exato momento em que elas chegam e nem consultam o aparelho se estão realizando alguma atividade que exige concentração e dedicação. O presente parece lhes chamar em muitos instantes, mas estes jovens adultos, conforme definidos na introdução, fazem escolhas entre atendê-lo imediatamente ou não.

O que se percebe, todavia, é um acúmulo de atividades que os fazem correr mais do que gostariam, o que acaba trazendo uma sensação de tempo corrido. Carlos⁵, por exemplo, ao ser perguntado se sente que o tempo estabelecido para as atividades diárias é suficiente para fazer tudo que precisa, aponta que não. Ele gerencia sua empresa de marketing, bem como realiza palestras ao longo do mês, escreve para diferentes portais e revistas, dá aula e participa de associações. Bruna e Ana também apontam ter sido

⁵ Os nomes dos entrevistados foram trocados para manter o sigilo a identidade de cada um deles. As entrevistas completas podem ser conferidas no apêndice deste trabalho.

cada vez mais difícil arrumar tempo para não fazer nada, ou para atividades de lazer, em função das diversas atividades que têm de realizar ao longo do dia e da semana.

O capítulo seguinte, que abordará a crítica ao tecnicismo, pode nos ajudar a entender o contexto em que esses jovens adultos se encontram e porque parece ter sido cada vez mais difícil se dedicar a algo com durações mais longas e menor presença de conexões.

CAPÍTULO 2
VELOCIDADE E TECNICISMO SOCIAL

*El tempo, que cosa tan singular!
mientras discurre la vida,
passa del todo inadvertido.
Pero um dia, de pronto,
ya no se siente nada más que él.*

Hofmannsthal

2.1. Tempo mercantil

Paul Virilio, filósofo francês contemporâneo, cunhou o termo dromologia (do grego *drómos* + *lógos*, ciência da velocidade) para designar o estudo dos impactos culturais e sociais da velocidade produzidas pelo uso recorrente das novas tecnologias. Estarmos conectados continuamente e realizarmos diversas tarefas ao longo de todo o dia, de forma cada vez mais rápida, não é algo desenvolvido ao acaso, mas imposto a partir de sistemas econômicos dominantes.

O filósofo aponta que a aceleração dos meios de produção é um ato político e que se a lógica da riqueza se expressa numa economia política, a lógica da corrida se explicitaria numa concepção teórica capaz de articular velocidade e política. Assim, ao abordar as estratégias de guerra e a importância da velocidade no desenvolvimento das ações militares, Virilio coloca que uma nova forma de valor se instaura e, desta maneira, quem tem mais velocidade tem mais poder e consegue vencer o inimigo; tanto nas ações militares como nas negociações políticas (VIRILIO, 1996).

O lugar da técnica e das máquinas pode ser observado no desenvolvimento dos meios de transporte, no aumento e na velocidade dos meios de comunicação, e na integração das máquinas que invadem e aceleram os ritmos do corpo. Cada uma dessas etapas envolveu operações que resultaram no alcance de velocidades cada vez mais rápidas.

Trazendo isso para o cotidiano das pessoas na atualidade, principalmente em relação aos moradores das grandes cidades, vemos que carros mais velozes, telas com conexões cada vez mais rápidas e um sem parar de cenas nas telas de cinema, bem como uma sequência de compromissos urgentes, parecem ter se tornado um valor a ser seguido na contemporaneidade. À medida que a velocidade não atua apenas na máquina, mas marca também os comportamentos e consciências humanas, isso se torna algo importante de se verificar.

Romano também aponta que os ideais diretivos da sociedade moderna, industrial e pós-industrial são a velocidade e a aceleração crescentes e que onde mais bem se manifestam são nos meios de transporte e de comunicação. Segundo o comunicólogo,

esta circunstância tem modificado a representação do tempo nas sociedades contemporâneas (ROMANO, 2002).

Milton Pelegrini corrobora com a visão de Romano quando aponta que

As microinvenções científicas em vários campos do conhecimento, observadas no final do século XIX, compunham um quadro representativo de uma temporalidade que, embora construída pelas máquinas, já se consolidava como padrão de referência para os sentidos humanos. As sociedades ocidentais começavam a vincular o tempo das máquinas com o ritmo social criando ciclos mais rápidos, impondo novos ritmos e consolidando novos eventos. O conceito de progresso [...] era marcado pelo compasso estabelecido pela técnica disponível naquele momento histórico (PELEGRINI, 2008, p. 40).

Num mundo mediado por aparatos digitais e fluxos contínuos de informações e conexões constituídas por redes móveis, a tecnologia é a fiel depositária da ideia de progresso como uma flecha que aponta para o futuro e que segue cada vez mais rápida rumo ao tempo da eternidade científica. As máquinas aceleram o tempo numa velocidade cada vez mais alucinante, uma velocidade que despreza nossa capacidade de apreendê-la (PELEGRINI, 2008).

Em relação ao crescimento da velocidade e dessa imposição da técnica sobre o homem, Virilio destaca os pontos mais críticos e, por isso, ficou conhecido como um pensador pessimista em relação ao desenvolvimento das tecnologias digitais. A integração acrítica da tecnologia, segundo ele, pode causar sérias consequências. Cada ganho em matéria de velocidade provoca inevitavelmente mudanças e perdas mais ou menos reversíveis para o grupo social e para o indivíduo.

O que o filósofo nos alerta é que há um ideal econômico por trás dessa valorização da velocidade e que é preciso ficar atento a isso. Aliado à ideia de velocidade como sucesso está a ideia de poder. Em uma entrevista publicada em 2011 ele explica:

Se “o tempo é dinheiro”, a velocidade é poder. Eu lembro que para os banqueiros, para que haja a mais-valia, é preciso que haja a velocidade da troca. A questão da velocidade é uma questão mascarada [...] por sua simplicidade. Riqueza e velocidade estão vinculadas. É conhecido o vínculo da riqueza e do poder como da lei do mais forte. Mas a lei do mais forte é a lei do mais rápido (VIRILIO, 2011).

Além da acumulação de riqueza de uma pequena parcela da população, a imposição do

tempo de poucos sobre muitos, a perda do contato físico com o outro, a mecanicização do trabalho humano e a tentativa de aproximar o homem da máquina são algumas das consequências negativas da tecnicização das ações e da aceleração do tempo nas sociedades atuais.

Foucault já apontava que as formas de organizações sociais posteriores à modernidade constituiriam uma revolução ética. O que ele considerava fascinante e terrível nessa nova organização capitalista era a extensão indefinida do modelo de empresa para fora da esfera propriamente econômica, havendo o perigo da mercantilização do mundo. Ele aponta um grande risco nesse propósito, o de que tudo seria pensado segundo o modelo empresarial; tudo se tornaria empresa (GROS, 2014). A partir dessa premissa, o homem passaria a ser o empresário de si mesmo, mas não gerenciando todas as suas esferas de vida a fim de tornar-se mais completo, mais solidário, senão com o objetivo de ser uma potência produtiva e rentável.

Uma mudança no emprego do tempo passa, finalmente, por uma definição da cultura a partir da prática dos cidadãos e de um novo conceito de ser humano. Teria que se criar uma cultura cotidiana na qual o tempo fosse próprio e não alienado, nessa dinâmica em que poucos que se enriquecem com as carências dos muitos. Criar uma nova cultura significa antes de tudo liberar o potencial criador e organizador dos cidadãos, fazendo com que sejam protagonistas ativos e não consumidores de uma minoria de “conhecedores”; seria preciso “ampliar o círculo de conhecedores”, como dizia Brecht (ROMANO, 2002, p. 9).

Para Romano, os países que têm políticas socialdemocratas conservam as características próprias do ser humano, como jornadas reduzidas de trabalho, licença-maternidade, incentivo à cooperação, entre outros. Isso mostra o valor existente por trás dessas políticas menos mercantis, cujo objetivo é a eficiência. Ele mostra que

Os relógios sociológicos dos poucos países que respeitem os direitos humanos marcam outras horas, embora as conexões eletrônicas com as tiranias sejam simultâneas [...] Esta questão dos direitos humanos, por exemplo, mostra a intersecção de diferentes culturas apesar dos interesses comerciais comuns e a mesma concepção materialista da primazia da economia (ROMANO, 1998, p. 93)⁶.

⁶ Los relojes sociológicos de los pocos países que respetan los derechos humanos marcan otras horas, aunque las conexiones electrónicas con las tiranias sean simultáneas (...). Esta cuestión de los derechos humanos, por ejemplo, muestra el punto de intersección de las diferentes culturas a pesar de los intereses comerciales comunes y la misma concepción materialista del primado de la economía (ROMANO, 1998, p. 93).

Para Romano, democracia e comunicação estão relacionadas por confrontarem constantemente informações e opiniões a fim de gerar reflexões e considerar as diferenças. Segundo ele, nos regimes democráticos considera-se o bem-estar social que se fundamenta na projeção futura. Assim, não considera o ser humano como empresário de si mesmo, mas como um ser humano complexo que, além de trabalhar, precisa de saúde, assistência, moradia, tempo.

2.2. O corpo-máquina

Assim como as máquinas produzem de forma cada vez mais eficiente e mais veloz parece cobrar-se também dos corpos que estes sejam mais rápidos, eficientes e aptos a atender às vicissitudes do capital.

O que vemos nos dias atuais é quase uma concorrência do homem com a máquina, ou o desejo de que nos tornemos uma. O homem que se aproxima da produção irretocável do módulo industrial é o mais valorizado no mercado; aquele que produz com eficácia e ininterruptamente passou a ser o funcionário ideal. No entanto, sabemos que a lógica do mercado não é a lógica humana e que o homem não funciona como uma máquina. O homem é um ser vivo, complexo, subjetivo e errante e é isso que o torna humano.

Segundo Norval Baitello Junior, o corpo-máquina é um corpo fabricado que deve atender às necessidades específicas em relação à função que exercerá durante a vida, com suas características ditadas pela técnica e pelos preceitos da economia e, na atualidade, vem se sobrepondo ao corpo-humano. Porém, “o corpo-máquina não possui o tempo da retrospectão nem da prospecção. E como não possui, não possui o gesto da reflexão, do olhar para dentro” (BAITELLO JUNIOR, 2014, p. 87).

Com a interação cada vez mais comum do homem com as tecnologias, o desejo por transformar o homem em máquina torna-se cada vez mais próximo e desejado. Suas características são orientadas pela técnica, não permitindo desvios nem alterações na programação. “O corpo-máquina nunca pode mostrar-se frágil, já que é programado para a produção e para a produtividade” (BAITELLO JUNIOR, 2014, p. 83).

Michel Foucault, nos seus estudos em relação à “disciplinação” do corpo por

instituições como o exército e os hospitais, mostra que a modelagem dos corpos, produzida por meio de políticas de coerção, submissão e obediência, produz características de docilidade a fim de tornar o corpo útil e produtivo. Segundo ele, a disciplina busca estruturar as atitudes do corpo para extrair dele o máximo de utilidade.

A busca pela disciplinação do corpo em sua totalidade tem como objetivo torná-lo produtivo e lucrativo. Com a relação cada vez mais próxima do homem com as tecnologias, o desejo por transformar o homem em máquina torna-se cada vez mais comum. A eficiência, como apontado anteriormente, torna-se um dos valores mais almejados.

Para Gros, a disciplinação do corpo está diretamente ligada a modelar o homem aos princípios da máquina. Ele afirma que

O princípio da disciplina é impor à vida, justamente, essas regularidades mecânicas, essa ordem fria e implacável. A função da disciplina, portanto, é fazer o corpo vivo se conectar com a máquina, é transformar o corpo vivo em corpo-máquina” (GROS, 2014, p. 260).

Não percebemos o quanto vamos nos imbricando com as tecnologias a tal ponto que vamos exigindo de nós, e dos outros, uma produção cada vez mais maquínica, eficiente e ininterrupta. Quando falamos de disciplina, também estamos falando de produtividade. Aqui está presente a ideia de sermos úteis e de aproveitar cada momento para produzir algo, para ter retorno e resultados. Nas entrevistas realizadas é possível observar que o tempo de alguns entrevistados é preenchido, em sua maioria e cada vez mais, pelo trabalho. Eles relatam que trabalham além do horário “oficial”, enviando e-mails, escrevendo ou respondendo mensagens.

O sentimento de culpa por não fazer nada provavelmente nunca esteve tão presente em nossa sociedade. Nas sociedades capitalistas atuais não parece ser possível experimentarmos uma relação livre e saudável com o ócio, pois essas formas de vida são valorizadas pelo lado negativo em relação ao trabalho e às exigências de produtividade. Parece que o lazer só pode ser legitimado depois de muito esforço labutar.

O corpo-máquina é objeto de encantamento e adoração por sua perfeição, tanto a física -

o corpo forte e bonito -, como a produtiva - aquele que nunca falha, não fica doente e não erra. A fabricação deste corpo começou há muito tempo, no momento em que o homem começou a desenvolver ferramentas e foi ficando cada vez mais intenso esse objetivo de integrá-la a ele. Hoje fabrica-se um corpo funcional, que será melhor para esta ou aquela tarefa. Segundo Baitello Junior, o corpo-máquina, além de ser fabricado, é adorado

por sua obediência total e absoluta aos cânones das formas e das funções corretas, por sua pertinência à norma-padrão, o que equivale a dizer por sua uniformidade com todos os outros corpos-máquina. Suas linhas são ditadas, assim, pelos princípios das normas técnicas (sujeitas às oscilações da moda) e pelos preceitos da economia, não permitindo desvios em uma ou outra (BAITELO JUNIOR, 2014, p. 83).

É possível observar nas entrevistas realizadas que todos deixam os celulares ligados o dia todo, onde quer que estejam. Alguns deles desligam apenas para dormir. Outros nem desligam, como é o caso de Ana. O celular parece ser uma das extensões mecânicas do corpo, algo que nos deixa sempre em prontidão e alertas para sermos eficientes nos diferentes momentos do dia.

O que pode se observar, porém, é que os entrevistados não respondem às mensagens que chegam com frequência em seus celulares no mesmo momento em que elas apitam. Isso pode indicar que, mesmo com essas extensões digitais do corpo exigindo respostas mais imediatas, esse grupo espera o momento mais oportuno para responder aos chamados. Ou seja, aqui há uma interferência da reflexão humana e não um automatismo mecânico na resposta. Esse é um fenômeno bem importante se pensarmos nos caminhos que os estudiosos vêm apontando de maquinização dos seres humanos.

A reflexão, o pensamento e o sentimento expressam o universo humano. Por isso, parar e pensar para responder a uma mensagem, desligar o celular ou não atendê-lo em momentos que a concentração é necessária e escolher entre parar ou se deixar levar pelo tempo corrido do dia a dia é vislumbrar um momento de humanidade quando se há uma pressão para que isso não aconteça. Virilio diz que “nós estamos no ‘tempo-máquina’; o tempo humano é sacrificado como os escravos eram sacrificados no culto solar de antigamente” (VIRILIO, 2011, p. 02).

Posto isso, a principal investigação dessa pesquisa é saber como esses jovens adultos, que têm entre 30 e 36 anos, moram na cidade de São Paulo e que são bastante

conectados, vivem a experiência, visto que na atualidade o tempo dado parece ser o tempo rápido do mercado e a eficiência do corpo-máquina.

CAPÍTULO 3
A EXPERIÊNCIA NA CONTEMPORANEIDADE

*Una vez
cada cosa, sólo una vez. Una vez y no más.
Y también nosotros una vez. Nunca más.
Pero este haber sido una vez,
aunque sólo una vez:
haber sido terrestre parece no revocable.*

Rilke, Elegia IX

3.1. A experiência em Walter Benjamin

Walter Benjamin fez importantes considerações sobre o conceito de *experiência* em algumas de suas obras, sobretudo em “Experiência e Pobreza” e “O narrador”, nas quais aponta que, a partir das profundas transformações sociais, econômicas, políticas e culturais instauradas com a modernidade, como a urbanização, a industrialização, a mercantilização e a difusão da técnica como modelo de progresso, houve um considerável declínio da experiência, que ele chama de *Erfahrung*.

Esse processo de modernização resultou numa percepção fragmentada, rápida, descontínua e irrefletida da *experiência*. As pessoas passaram a correr em demasia, e com a aceleração da vida nas cidades, houve um empobrecimento da *experiência*, pois o tempo, o vínculo e o envolvimento necessários a esse processo foram se tornando superficiais. “A *Erfahrung* (experiência) é uma experiência que se acumula, que se prolonga, que se desdobra [...] o sujeito integrado numa comunidade dispõe de critérios que lhe permitem ir sedimentando as coisas com o tempo” (KONDER, 1988, p. 72).

Em seu artigo “Experiência e Pobreza”, de 1933, Walter Benjamin aborda o conceito de experiência a partir da observação dos homens que voltaram do *front* da Primeira Guerra Mundial. Ele lembra que, diferentemente de outras batalhas, onde os soldados retornavam contando o que havia acontecido, desta vez eles voltaram atônitos, moribundos e sem palavras. Segundo Benjamin, o choque vivido por uma sequência de episódios violentos e a impossibilidade de assimilar tais episódios acabaram por calar os homens que passaram pelos horrores da guerra.

Na época, já se podia notar que os combatentes tinham voltado silenciosos do campo de batalha. Mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos [...]. Porque nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadoras que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome, a experiência moral pelos governantes (BENJAMIN, 1994, p. 114).

O declínio da *experiência* implica na transformação dos seres humanos em seres automáticos e robotizados. Os gestos repetitivos, mecânicos e vazios dos trabalhadores, principalmente dos trabalhadores especializados, reaparecem, como mostra Benjamin, nos gestos automáticos, mecânicos, uniformes e repetitivos dos transeuntes na multidão

das grandes metrópoles. Os sujeitos da cidade comportam-se como seres adaptados à automatização, que só conseguem exprimir-se de forma repetitiva, pois perderam, sobretudo, a espontaneidade. O autômato é o homem desmemoriado, destituído de sabedoria e, por isso, incapaz de saber narrar uma história.

A imprensa, em especial o jornal, é, como observa Benjamin, um dos indícios que revela que o indivíduo se tornou incapaz de assimilar à sua experiência os "fatos exteriores", porque, se a imprensa tivesse como objetivo que o leitor incorporasse suas informações como parte da sua própria *experiência*, não alcançaria os seus fins, dar a informação apenas no momento em que ela acontece, nada além disso. Segundo Benjamin, a crescente redução da *experiência* manifesta-se na substituição do "antigo relato" pela "informação". A mídia de massa contribui decisivamente para a degradação da experiência ao informar de forma fragmentada, datada e rápida os acontecimentos do dia a dia. Sobre esse tempo acelerado da mídia, Benjamin contrapõe a possibilidade da *experiência*. Para ele, esse é um tempo

devastador, um tempo sem memória, sem sentido, que priva o homem de experiência (Erfahrung) privando-o de história e da capacidade de integrar-se em uma tradição [...] a pobreza de experiência trouxe consigo uma nova consciência temporal: um tempo que ecoa veloz e sem história (MITROVITCH, 2011, p. 111-115).

Em “O narrador - considerações sobre a obra de Nicolai Leskov”, escrito em 1936, Benjamin investiga os fatores socioculturais que teriam ocasionado o enfraquecimento da narração, o que reforçaria a ideia de declínio da *experiência* na sociedade moderna. No texto, Benjamin parte do trabalho do escritor russo para falar que a arte de narrar histórias estaria em extinção. A narrativa possuidora de tradição, história e sabedoria estaria perdendo lugar para as histórias mais curtas, como o romance e a informação; o romance resume-se a uma história ocorrida num determinado tempo, presa a um livro; e a informação só tem validade no dia, à medida em que é nova. Enquanto a narrativa até então conhecida se caracterizava por sua abertura, o romance clássico, em sua necessidade de resolver a questão do significado da existência, visava à conclusão (GAGNEBIN *in* BENJAMIN, 1994, p. 7-20).

Para Romano, a pressa que caracteriza as sociedades contemporâneas muitas vezes faz com que muitas pessoas pensem menos e funcionem mais no modo automático. Desta forma, “a reflexão desaparece porque não tem tempo para ponderar o estado das coisas e

contextualizar a informação” (ROMANO, 1998, p.111)⁷. As informações se proliferam sem tempo de ser assimiladas e digeridas. Na atualidade, vê-se muito isso nos noticiários fracionados e nas notícias substituídas constantemente nos portais de internet.

A crescente desvalorização da história, bem como do espaço e da vivência coletiva em contraposição a ações individualizadas mobilizadas pela modernidade e pela força dos meios de produção capitalista, produziram o amortecimento da tradição, o enfraquecimento dos ritos e dos momentos coletivos.

A relação entre esses conceitos (experiência – *Erfahrung* - e memória - *Erinnerung*) (...) não é unilateral. Cada momento se plasma diferentemente no decorrer das transformações estruturais da humanidade, seja nas esferas pública e privada, na percepção do tempo ou ainda nos meios de produção material. A narração, concebida no seio da epopeia, toma a forma do romance, na qual não há mais uma experiência cuja transmissão é articulada na memória coletiva, mas em uma possível rememoração (*Eingedenken*) do autor que tenta restituir ao vivido a forma da experiência (QUEVEDO, 2008, p. 99).

Nikolai Leskov, que Benjamin cita como exemplo de um narrador, viajou no interior da Rússia feudal como representante comercial de uma empresa inglesa. Sua obra é dedicada a narrativas que ele foi recolhendo ao longo de viagens. A narração se dá no desenrolar do trabalho manual: o ouvinte, interessado em se apropriar da matéria narrada, renuncia às sutilezas psicológicas da ação a ponto de se tornar mais fácil a ele memorizar os fatos e assim poder transmiti-los. Essa renúncia é própria do demorar-se na percepção da duração do tempo que se dá em função da repetição do trabalho manual, e é onde o trabalhador esquece a si mesmo e pode se deixar levar profundamente por aquilo que ouve.

No mundo do narrador, o dom narrativo é dado pelo trabalho no estado de distensão psíquica (paralelo ao estado de sono). Diz Benjamin: “o tédio é o pássaro de sonho que choca o ovo da *experiência (Erfahrung)*” (BENJAMIN, 1994, p. 204).

É necessário tédio, ou seja, tempo sem produção e um cansaço no não fazer nada para deixar nascer algo que está sendo gerado. A *experiência* deve ser vivida neste tempo de espera e de duração.

⁷ La reflexión desaparece porque no queda tempo para ponderar el estado de las cosas y contextualizar la información (ROMANO, 1998, p.111).

Vale destacar que Benjamin faz distinção entre as concepções de vivência e de *experiência*. Para ele, a vivência, *Erlebnis*, é o acontecimento do cotidiano, sem profundidade, que ocorre de forma rápida, descontínua, irrefletida e individualizada. Já a *experiência*, *Erfahrung*, como salientado anteriormente, diz respeito à profundidade de envolvimento com o acontecido, composto por memória, vínculo, prolongamento da percepção do tempo e ligação com o coletivo. Em relação, sobretudo, ao tempo de cada uma dessas ações, Olga Matos faz uma clara colocação:

Erlebnis e Erfahrung trazem consigo diferentes temporalidades da experiência. O tempo da *Erlebnis* difere fundamentalmente da *Erfahrung* porque envolve a temporalidade do momento único e fragmentado abstratamente, enquanto a *Erfahrung* é o pertencimento no interior da tradição (MATOS *apud* MATEUS, 2014, p. 7).

Quanto maior o contato com estímulos diversos e contínuos, mais alerta estará o sistema perceptivo da consciência e isso implicará em uma menor quantidade de assimilação do sujeito em relação à *experiência*. Sem repouso, sem tempo lento ou tempo que dure, é quase impossível viver a *experiência*. Diz Benjamin: “qual o valor de todo esse patrimônio cultural se a experiência não mais o vincula a nós?” (BENJAMIN, 1994, p. 115).

Podemos dizer que o conceito de *experiência* benjaminiano – amparado na possibilidade de representação da modernidade em imagens dialéticas – corresponde à recusa da razão positiva, ultrapassando a dicotomia sujeito-objeto e oferecendo uma saída para o dilema da práxis *versus* teoria.

Apesar das críticas de Benjamin à modernidade, percebe-se em seus textos uma certa curiosidade com todas essas novidades. Ao descrever com detalhes como Paris vinha se transformando, no texto “Paris, capital do século XIX” (1935), é possível perceber um olhar atento e investigativo, perplexo até, para o que nascia naquele momento. Não é a toa que o filósofo escreveu vários textos sobre as mudanças que a modernidade trouxe para esse novo momento.

É possível observar a dialética benjaminiana a partir de suas reflexões sobre a aura e a experiência. O filósofo aponta que, apesar das intensas mudanças, do maçante desenvolvimento da técnica, é possível haver aura e experiência na modernidade.

Apesar de a sociedade mecanizada nos impelir de forma irrefletida para o cotidiano voraz dos movimentos repetitivos, há momentos, sentimentos, envolvimentos, leituras e contatos que nos fazem viver a experiência. O que Benjamin parece nos trazer em seus ensaios é que, apesar de a técnica produzir uma reprodutibilidade constante – e com a internet isso se multiplicou intensamente – a *Erfahrung*, em seu conceito mais profundo, pode existir. **A experiência, assim, pode existir numa sociedade tecnicizada.**

É possível observar, por exemplo, momentos de experiência mediados pelas tecnologias. Em um telefonema ou numa conversa mediada pelas telas há troca de emoção e vínculos; há entrega e envolvimento.

Numa sociedade que produz notícias cada vez mais rápidas e romances com um fim em si mesmos, é possível encontrar autores que trazem textos e reflexões mais complexas, como é o caso Marcel Proust e Franz Kafka, que com suas formas de contar nos atingem em profundidade, nos tiram do lugar comum e nos fazem entrar em contato com algo mais essencial do ser humano. A vivência fica no lugar comum; a *experiência*, não.

A questão que se coloca, então, é como a *experiência* é vivida no século XXI? Será que estamos *experenciando* de uma forma diferente? Estaria *ela* se esvaziando? Ou estaria se adaptando aos novos tempos? Os jovens adultos entrevistados para essa pesquisa estariam vivendo momentos menos significativos?

3.2. Tempo lento, vínculo e experiência

Como vimos anteriormente, desde a modernidade a sensação de aceleração do tempo tem sido cada vez mais intensa, e o tempo presente e o instantaneísmo têm sido um dos maiores valores da contemporaneidade.

Segundo Vicente Romano, o homem tem um tempo biológico, composto por necessidades físicas, mentais e psíquicas diferente do tempo acelerado das sociedades atuais. Segundo o pesquisador, com a tecnicização dos meios de produção, também a vidas das pessoas parece ter se mecanicizada.

Assim como aponta Benjamin, a mecanicização da vida a partir da modernidade acabou por automatizar também os comportamentos de homens e mulheres que colocavam em primeiro plano o fazer, a repetição e a vivência e deixavam a *experiência* de lado. Não era, assim como muitas vezes não é, uma escolha. Os sujeitos acabam sendo levados a esse tipo de relação com o mundo. Porém, este tempo automatizado não é natural do ser humano. Desta forma, onde ficariam o ócio, o cansaço, a criatividade, o aprofundamento e o tempo lento da *experiência*?

Segundo Vicente Romano, provavelmente se perdem. Para ele, “Sem duração, o ser humano perde a consciência da distância que mantém consigo próprio e que mantém com o entorno, perde-se a visão das coisas e de sua evolução. Perde-se a produtividade da lentidão” (ROMANO, 2002, p. 07).

A *experiência* é vivida num espaço-tempo de um tipo peculiar de saber que está para além do racional e do técnico. Para Benjamin, a *experiência* passou a ser tratada a partir de parâmetros da experiência científica, o que fez com que ela fosse se empobrecendo. No entanto, como vimos, ela é um processo subjetivo e profundo e, portanto, não há tecnicismo que dê conta de interpretá-la. O que importa no processo da *experiência* é o quanto de envolvimento está direcionado a ela, envolvimento este que pressupõe duração, vínculo e memória. Nela, há um deslocamento do tempo cronológico, que é marcado pelas horas, minutos e segundos, e um mergulho no tempo não-tempo, aquele tempo da entrega, do envolvimento. Podemos relacionar o tempo da *experiência* com o tempo grego Aion, o tempo eterno.

Na mitologia grega há três definições para o tempo: Cronos, Kairós e Aion. Cronos é a divindade ligada ao tempo quantitativo, o tempo com medida, o tempo linear, repartido em horas; ele marca o ritmo constante do dia a dia, dos compromissos e da rotina. Este é o tempo que tem marcado a modernidade e, portanto, é muito conhecido de todos nós. Porém há também o tempo Kairós, que é o tempo que representa a oportunidade que se apresenta. Ele não reflete o passado, o presente ou o futuro, mas simboliza o melhor instante no presente, o instante em que se consegue abraçar a oportunidade. Essa referência ao tempo oportuno é muito cultivada nas religiões e nos processos terapêuticos.

O tempo Aion, por sua vez, é o tempo que nos chama para a vivência profunda, que clama por nossa entrega e rendição e pelo qual podemos alcançar a dimensão do eterno e do “não tempo”. É aquele momento em que nos esquecemos de contar as horas e nos entregamos a uma atividade de profundo envolvimento. É o tempo do narrador, como observa Benjamin em seu texto de 1936.

A *experiência* nos convida justamente a viver o tempo da entrega, o tempo que não é medido cronologicamente, mas é sentido, subjetivamente, por uma vivência profunda, de forte vínculo e que envolve duração de tempo.

Entregar-se significa se desprender de valores e de regras para se dedicar a algo por completo. Essa entrega exige que nos vinculemos e que nos envolvamos com o que estamos vivendo. Não há vínculo na superficialidade e na fragmentação. É preciso se deixar ser tocado pela situação, com profundidade, para se ter *experiência*.

Vínculo significa se ligar a algo ou alguém de forma profunda, com afeto e dedicação. O ser humano é um ser social; assim, desde o seu nascimento busca vínculos que o ajudam na construção de si mesmo e do outro, bem como na sua relação com o mundo. Segundo Baitello Junior, todo processo de comunicação prevê o estabelecimento de vínculos. Ele diz que “Como são vivos, pois emanam de corpos vivos, os vínculos carecem de alimentação constante, necessitam estar vivos, requerem cuidados, atenção e amor” (BAITELLO JUNIOR, 2008, p. 102).

Vincular-se em um processo de *experiência* significa se entregar, estabelecer uma relação profunda com o que acontece, envolvendo-se e deixando-se envolver pela ação. Para tanto, é preciso confiar os sentidos a esse processo, ligando-se a ele de forma arraigada. Para Benjamin, é preciso deixar-se levar pela *experiência*, em “um recomeçar e um retomar de fôlegos incessantes em redor da *Sache selbst*, da coisa mesma (to on ontôs)” (MITROVITCH, 2011, p 154).

Tomar nas mãos o contemporâneo não é seguir a trajetória do progresso, mas sim tender à súplica dos derrotados. Ser humano é ser vulnerável, frágil, vital. Mitrovitch nos coloca muito bem esse conceito ao falar de Benjamin.

A “experiência da pobreza” da modernidade, presente em *Experiência e pobreza*, já aponta para a verdade segundo a qual uma história verdadeiramente humana deve estar mais voltada para os sofrimentos do passado que para as promessas do futuro [...]. O texto de 1933 parece ser o registro desse movimento, porquanto a experiência da pobreza não visa ao desenvolvimento progressivo do ser humano rumo à sua plenitude de homem “bem formado”; a experiência da pobreza é aquela da incompletude do desassossego, da perdição (MITROVITCH, 2011, p. 76).

Nesse sentido, o pensador alemão Dietmar Kamper dialoga com Benjamin, na medida em que nos mostra que são nas aporias, e na fissura da alma, que estão as complexidades que nos constituem. A perfectibilidade não é humana, esse desejo pela perfeição é uma “monstruosidade da perfectibilidade”, diz Kamper. O filósofo traz a perspectiva do homem *monstrum*, indicando que o *homo natura* foi substituído pelo *homo* máquina: incorrigível, previsível e programado. A perfectibilidade, no entanto, é inimiga do humano, e é aí que a monstruosidade se mostra. É como se a perfectibilidade tivesse agora de ser incondicionalmente aplicada a toda a espécie. No entanto, ser humano é justamente ser complexo e, por isso, ele propõe a fenomenologia da imperfeição, onde o ser incompleto se faz presente e necessário contrariando o desejo de perfeição dado pela sociedade mecanizada e midiaticizada (KAMPER, 2016).

Dialogando com a proposta de Kamper podemos retomar a compreensão de Mitrovitch a respeito da concepção de *experiência* por parte de Walter Benjamin:

Assim, podemos dizer

Que o conceito de experiência benjaminiano – amparado na possibilidade de “representação” da modernidade em imagens dialéticas – corresponde à recusa da razão positiva, ultrapassa a dicotomia sujeito-objeto, oferecendo uma saída para o dilema práxis *versus* teoria. [...] O “sujeito” da experiência benjaminiana se descobre em sua fragilidade, em sua vulnerabilidade, em sua ignorância e impotência, contudo é porque assim o faz que está disponível para tudo aquilo que escapa ao saber e ao poder normatizados (MITROVITCH, 2011, p. 157).

O que vemos, porém, é que os tempos ligados à subjetividade foram sendo deixados de lado por uma supervalorização do tempo objetivo; cronológico.

A aceleração constante do dia a dia proporcionada pelas sociedades tecnicizadas criaram pessoas também tecnicizadas, que passam o dia correndo e conferindo constantemente seus compromissos. Desde as observações de Benjamin sobre a modernização das cidades e dos meios de produção, até hoje, a crescente velocidade

parece ter se tornado um fator que contribui para o empobrecimento do contato com o tempo lento da experiência.

Segundo o filósofo José Antônio Zamora,

A modernidade capitalista estabelece estruturas temporais [...] marcadas por uma aceleração permanente, a velocidade. A modernidade está relacionada com o novo. Este é o tempo novo frente ao antigo, frente à Idade Média, frente ao antigo regime. Entretanto, a proliferação de novidades e a aceleração na proliferação destas produz um certo “instantaneísmo”, o domínio do instante, do fugaz. E isso, ao mesmo tempo, faz com que se produza uma desqualificação do instante pela falta de duração. Ao não ter duração, não se inscreve experiencialmente no sujeito, e então isso produz uma sensação de vazio [...]. (ZAMORA, 2009, p. 2)

A isso Walter Benjamin atribui a pobreza de *experiência*. O novo está sempre em evidência e passa a ser sempre desejado. Começar do zero é negar uma história existente, uma trajetória feita. Começar *sempre* do zero, portanto, é vivenciar apenas a superficialidade de algo, que não está vinculada a nada e a ninguém, justo que é novo. A modernidade, assim, trouxe uma pobreza de *experiência* ao tornar a percepção do mundo mais técnica e rápida. A importância da narração e do vínculo para a construção de uma experiência significativa, a *Erfahrung*, parece ter tornado pouco valorizada.

A horrível mixórdia de estímulos e concepções do mundo do século passado mostrou-nos com tanta clareza aonde esses valores culturais podem nos conduzir, quando a experiência nos é subtraída, hipócrita ou sorrateiramente [...]. Sim, é preferível confessar que essa pobreza de experiência não é mais privada, mas de toda a humanidade (BENJAMIN, 1994, p. 115).

As entrevistas realizadas, no entanto, trouxeram dados interessantes para olharmos para a *experiência* na atualidade. Das cinco entrevistas feitas, quatro delas mostram que existe dedicação em tarefas que exigem concentração e profundidade, como assistir a um filme, ler um texto ou conversar com os amigos. Alguns dos entrevistados, por exemplo, deixam o celular ligado no modo vibratório quando estão no cinema, estudando ou trabalhando, já outros não o consultam ou desligam quando realizam essas atividades.

Não só em relação ao uso do celular, mas quando perguntados se acham perda de tempo conversar com alguém durante o dia ou ler um texto longo, todos os entrevistados falaram que não, apesar de alguns assinalarem o pouco tempo disponível para se dedicar a atividades como essa. Ana, por exemplo, responde que “Não” (não é perda de tempo).

“Mas eu não tenho tempo para fazer essas atividades” (como conversar com alguém ou ler um texto). Carlos, por sua vez responde que “Nenhuma das opções” (são perda de tempo). “Se tenho tempo, me dedico bem a essas atividades”.

De maneira geral, os entrevistados se mostraram atentos às questões e se posicionaram de maneira crítica, mas algumas respostas mostram, indiretamente, a falta de tempo que eles têm para realizar suas atividades. Isso não significa que eles não se dediquem com profundidade a algumas delas, mas que talvez existam vários níveis de experiência na execução das atividades desses jovens adultos.

É na tensão entre velocidade, fragmento e vivência, e tempo lento, profundidade e *experiência*, que as entrevistas realizadas serão olhadas com maior profundidade no próximo item, considerando a dicotomia, bem como a dialogicidade que pode existir entre essas duas percepções do tempo.

3.3. Dromologia x *experiência*: a busca pelo ecotempo

Se vivemos em tempos dromológicos, como apontado por Virilio, como então podemos viver a *experiência*, visto que para isso é preciso tempo lento, entrega e vínculo profundo?

Segundo Romano, é necessário conciliar o tempo da produção das sociedades atuais com o tempo do descanso e do ócio, encontrando um equilíbrio entre ambos. Para ele, é preciso estabelecer um ecotempo. Em relação à isso, ele coloca:

Se impõe um ecotempo, um equilíbrio entre as ordens cultural e natural do tempo, um freio na vida acelerada atual. Na rapidez tudo é fragmentado, nada satisfaz por completo: necessidades pessoais de afeto e ternura, cultura do debate, discurso linguístico (ROMANO, 2008, p. 104)⁸.

Apesar de Romano fazer a separação entre o tempo natural e o tempo cultural, não existe exatamente essa cisão. O tempo é sempre organizado a partir de um determinado olhar do homem sobre ele; a partir dos significados atribuídos a ele numa determinada época e

⁸ Se impone un ecotiempo, un equilibrio entre los órdenes cultural y natural del tiempo, un freno a la vida acelerada actual. En la rapidez todo se queda demasiado “corto”, nada satisface por completo: necesidades personales de afecto y ternura, cultura del debate, discurso linguístico (ROMANO, 1998, p. 104).

cultura. Portanto o tempo é sempre cultural. O importante ressaltar aqui é como a cultura contemporânea vê os tempo do funcionamento humano na atualidade.

O grande desafio que se estabelece na atualidade, portanto, é articular o tempo do corpo humano com o tempo da produtividade técnica. A ordem cultural do tempo, segundo Romano, é a ordem que foi se criando a partir das organizações sociais cada vez mais modernizadas e os tempos que estas foram impondo à maneira de se viver. Segundo o comunicólogo

Esta ordem cultural do tempo já não guarda relação alguma com os ritmos naturais do tempo. Nesta tendência a uma ordem social do tempo manifesta-se toda uma série de aspectos parciais: precisão (unidades de tempo cada vez menores), coordenação e sincronização social de todos os aspectos da vida segundo medidas abstratas do tempo, controle, compromissos agendados e pontualidade, universalização das unidades de espaços pequenos, etc. Expressões como “timing” e “gestão do tempo” não são resultados casuais desse desenvolvimento (ROMANO, 2002, p. 04).

Ana, Bruna e Carlos, entrevistados no processo de elaboração desta dissertação, representam bem o retrato que Romano faz do tempo cultural da modernidade. Todos apontaram que trabalham após o horário fixado em contrato de trabalho e utilizam bastante o celular para trabalhar nos momentos livres. Ana, por exemplo, quando perguntada se trabalha além do horário contratual de trabalho, diz: “Muitas vezes fico depois do expediente, principalmente quando temos um lote de documentos para verificar. Também costumo responder a muitos e-mails (muitas vezes do celular, pois estou na rua). Isso é fora do trabalho, né?”. E Carlos coloca, em relação à pergunta, que “Sim, costumo trabalhar mais, mas por opção. Dou aula, faço palestras, escrevo para portais, entre outros. Atuo tanto online quanto *off-line*, em diferentes trabalhos”. Bruna, por sua vez aponta que “Sim, (trabalha além do expediente) em casa e na própria OSC, online pelo computador, pelo WhatsApp, Facebook”.

A prática cotidiana desses jovens adultos pode ser considerada como expressão dessa nova ordem cultural que parece ter se tornado contemporaneamente normatizada, pois essa pergunta não lhes causou estranhamento, apenas responderam afirmativamente ou negativamente e deram exemplos dos trabalhos que fazem fora do expediente. Segundo Romano, essas horas adquiriram um status de mercadoria, pois

Estas (horas) adquirem assim caráter de mercadoria, diferenciando-se de outros tempos. Ocorre então uma mudança de mentalidade que tende a considerar essas horas isoladas como as únicas rentáveis. Por isso aumenta sua intensidade. A empresa moderna organiza o tempo de trabalho e estabelece seus ritmos, posto que necessita explorar ao máximo essas horas. E, conscientemente, aceita-se, em âmbito geral, que assim seja (ROMANO, 2002, p. 02).

O autor coloca, ainda, que, atualmente, há cada vez mais pessoas imbricadas na ordem cultural do tempo e menos ligadas à sua ordem natural. Além das horas livres terem se tornado horas rentáveis, os programas que eram feitos apenas de dia ou de noite se inverteram e, hoje, podem ser realizados em qualquer momento. Romano coloca que

Os jovens se deitam quando sai o sol e não quando ele se põe. Há discotecas que abrem à meia-noite ou mesmo depois. Tempos socialmente definidos como as notícias da TV, a abertura dos cinemas, dos restaurantes, os feriados etc., marcam a vida do cidadão atual. Há inclusive grupos sociais que postulam a liberdade das ordens e da configuração do tempo para cada um: que se possa comprar durante as 24 horas do dia, como se mantém em emissão permanente as cadeias televisivas. Pode-se esquiar tanto no inverno quanto no verão, comer fruta fresca independentemente das estações do ano etc (ROMANO, 2002, p. 04).

De fato, o que podemos observar são construções temporais e de comportamento desenvolvidas a partir de novas construções sociais. Ana e Kadu, por exemplo, exemplificam essa mudança de turnos e dizem que se recebem alguma mensagem durante a noite e estão acordados, eles conferem o texto ou o áudio. Porém, disseram que normalmente veem as mensagens somente pela manhã.

Ficar conectado durante o dia todo também se mostrou uma prática comum entre os jovens entrevistados. Quando perguntados se têm smartphone e se ficam conectados na maior parte do tempo, todos responderam que sim. E quando perguntados se levam o dispositivo para os lugares que vão e se o deixam ligado durante a noite, também responderam afirmativamente. Apenas Andreia e Carlos responderam que na hora de dormir deixam somente o despertador ligado.

Em relação ao envio e recebimento de mensagens pelo celular, os entrevistados disseram receber, em média, 46 mensagens de WhatsApp por dia, considerando que o que mais recebe é o Carlos, com cerca de 100 mensagens por dia, e a que menos recebe é Andreia, com cerca de 10 mensagens por dia. Dessas mensagens, algumas são respondidas imediatamente, outras são visualizadas e respondidas posteriormente e

algumas não são respondidas, principalmente quando são de grupos. Bruna, Kadu e Ana disseram que, normalmente, respondem assim que recebem essas mensagens.

Esses dados nos mostram que ficar conectado o dia todo é uma constante e desligar o celular é mais cogitado que seja à noite ou, em alguns casos, quando se realiza uma atividade que exige muita concentração. Do contrário, o modo *on* fica acionado o dia todo.

A prática de consultar o celular com frequência durante o dia também parece ser um comportamento cotidiano da nova ordem cultural do tempo. Segundo reportagem do Jornal online Nexo, “Momentos como esse (de ócio e sem consultar o celular) têm se tornado cada vez mais raros no cotidiano. O motivo é que, mesmo naqueles minutos de espera do ônibus ou da chegada de um amigo no bar, sua atenção é desviada para o celular” (Nexo, 2017).

A reportagem que fala do livro de Michael Harris “O Fim da Ausência”, lançado em 2014, mostra que os indivíduos que conheceram o mundo analógico têm uma habilidade única, que é a capacidade de notar como a introdução da tecnologia no mundo mudou a maneira como as pessoas se relacionam. O maior prejuízo que a ubiquidade da tecnologia vai causar às gerações futuras, diz a reportagem a partir da entrevista com o autor, “é a ausência da sensação de ausência. O estado de conexão permanente, com o celular ligado no bolso, nos impede de estar definitivamente sozinhos” (NEXO, 2017).

Esse comportamento pode ser facilmente verificado nos entrevistados dessa pesquisa, que mostram estar sempre conectados, lendo ou enviando mensagens, conferindo as redes sociais ou outros aplicativos de comunicação no celular. Bruna, por exemplo, diz que acessa redes wi-fi em deslocamentos, quando está em transporte público ou aguardando uma consulta, para consultar o celular.

Apesar de estar conectado em si ser apenas uma parte dessa ordem cultural do tempo na atualidade, isso mostra o quanto estamos “ligados”, mesmo que estejamos em alguma atividade de lazer, de concentração ou dormindo. Se somarmos a isso que muitos continuam trabalhando após o horário contratual de trabalho, principalmente pelo celular, podemos observar que o tempo dos entrevistados é praticamente todo ocupado com alguma tarefa.

Por outro lado, todos os entrevistados mostraram-se atentos e vinculados às atividades que exigem dedicação. Como já dito anteriormente, quando perguntados se é perda de tempo ler um texto ou conversar com amigos durante o dia, todos responderam que não, não é perda de tempo, e nas atividades de lazer, por exemplo, quando perguntados se fazem outra coisas enquanto estão lendo, passeando ou vendo séries (atividades de lazer mencionadas nas entrevistas), a maioria respondeu que não. Ana e Andreia disseram que consultam o celular às vezes.

Esse tipo de resposta parece ser específica deste grupo de jovens adultos que acompanhou o desenvolvimento das tecnologias analógicas para a digital e dos diferentes tempos que foram se construindo nesse processo. Todos os entrevistados refletiram sobre as questões feitas e ponderaram momentos de conexão com momentos de não conexão. No entanto, em conversas informais, alguns deles disseram que, quando não dormem, por exemplo, ficam vendo o celular, o Facebook, ou às vezes conversando com um amigo que esteja online.

De qualquer forma, o que se observa é que há diferentes nuances de *experiências* no grupo analisado. Em alguns um pouco mais, em outros menos, percebe-se que há envolvimento, reflexão e vínculo em algumas atividades realizadas. A própria entrevista se mostrou como disparador de reflexão sobre os hábitos dos tempos diários de cada um.

Quando perguntados se focam na atividade de lazer que estão realizando, as respostas foram afirmativas. Apenas Andreia e Ana afirmaram consultar o celular nesses momentos, mas, apesar de ele ser acessado, parece ficar em segundo plano.

Talvez esses jovens mesquem seus tempos fragmentados com seus tempos de profundidade, que é o que propõe Vicente Romano quando nos coloca que as novas sociedades necessitam de novas cronologias. Romano diz que se impõe, num momento em que o tempo parece acelerado em demasia, um uso mais saudável e racional dele. Ele diz:

A sociedade sem tempo necessita de novas cronologias. Tem que corrigir, no momento, as necessárias sincronizações entre as ordens temporais do trabalho e das férias que têm alienado o presente das pessoas e as convertido em escravos do delírio da aceleração (...). Se impõe um uso mais saudável e racional do tempo (ROMANO, 1998, p. 106).⁹

O que observamos, porém, diferentemente de outras épocas, é que a atenção voltada para as atividades na contemporaneidade é outra. Hoje existem muitos estímulos e informações que se colocam a todo o instante diante de nós. Ainda que os entrevistados digam que se dedicam com concentração às atividades realizadas, o que parece de fato acontecer, eles também se dedicam a conferir o celular diversas vezes ao dia, tanto quando estão no lazer como quando estão no trabalho. Isso nos põe a pensar que a *experiência* na contemporaneidade pode estar transformada em relação à *experiência* considerada por Benjamin no início do século XX. Se a *experiência* de Ana na atualidade for comparada à *experiência* vivida no início nos anos de 1930, por exemplo, época em que Benjamin analisa e descreve o empobrecimento da *experiência*, a *experiência* dela parecerá esvaziada e sem sentido. Mas observamos que há afeto, vínculo, envolvimento e reflexão em algumas de suas ações quando realizamos a entrevista, o que mostra que ela parece estar *experienciando* algo com profundidade.

Milton Pelegrini já nos mostrou que o tempo lento é próprio do homem e que a velocidade advinda da criação das máquinas cabe às máquinas e não ao ser complexo e subjetivo como o ser humano. Por isso, tentar impor o ritmo intenso dos equipamentos maquínicos ao homem é antinatural, pois o homem, ainda, precisa de oito horas de sono e de fazer pausas entre suas atividades. O tempo da mídia eletroeletrônica não é o nosso tempo vivido e não tem a nossa realidade (PELEGRINI, 2008).

“As máquinas se conectam, mas nós, não-ciborgues, nos comunicamos, sim senhor. E isto quer dizer, trocamos afetividades (e não meras “informações”)", afirma Baitello Junior (Baitello in: Menezes, 2007, p. 13). Trocamos vínculos, sentimentos, tempo. Enquanto formos humanos, precisaremos dessas experiências próprias do homem, que dizem respeito à sua natureza não maquínica.

Segundo o filósofo theco-brasileiro Vilém Flusser, o tempo possui duas características: a objetividade e a subjetividade. Ele diz que o tempo possui “o seu lado subjetivo

⁹ La sociedad sin tiempo necesita nuevas cronologías. Tienen que corregir, de momento, las obligadas sincronizaciones entre los órdenes temporales del trabajo y de las vacaciones que han alienado el presente de las personas y las ha convertido em esclavos del delirio de la aceleración (...). Se impone un uso más saludable y racional del tiempo (ROMANO, 1998, p. 106).

(quando visto a partir do espírito) e o seu lado objetivo (quando visto a partir da “coisa”, do “de todo diferente”)” (FLUSSER, 1962, p. 01). Para ele, estamos sendo impelidos a nos inscrever como sujeitos do tempo da velocidade projetando nosso tempo subjetivo no tempo objetivo do progresso.

No entanto, os seres humanos experimentam concomitante esses dois tempos e, portanto, não tem como abdicar do tempo subjetivo ou se transformar num ser cujo tempo objetivo seja dominante. Não viver o tempo subjetivo pode trazer diversas consequências para o homem, como sérios problemas de saúde que o poderão fazer parar forçadamente. As próprias reflexões mobilizadas pelas perguntas dessa pesquisa mostram o quanto humanos somos e o quanto entramos em contato com nosso tempo subjetivo.

Pomian (1984) nos coloca que em cada momento histórico existe uma arquitetura temporal que marca a maneira como se vive a *experiência* do tempo. Para ele, o tempo é a relação que as pessoas, os processos, os produtos e as sociedades estabelecem com a duração e o fluxo. Ele mostra que há sempre superposição de tempos e, ao lado de um tempo coletivo, social, religioso, existem o tempo biológico e físico; que ao lado do tempo da natureza (biológico), há os tempos da sociedade e das subjetividades (dos grupos e dos indivíduos); que o tempo pode ser quantitativo, presumidamente mensurável, ou qualitativo, repleto de valores e significações. É essa multiplicidade de tempos que constitui a arquitetura temporal de cada época, construída a partir das *experiências* humanas, modeladas por crenças e representações.

Respeitar o biotempo de cada um significa antes de tudo entender que existem diferentes temporalidades. O importante é saber que existe um tempo do ser humano que não deve ser extinto por fatores de interesses apenas socioeconômicos. É preciso conciliar este tempo com o tempo interno e subjetivo de cada um de nós. Segundo Romano,

A sentença bíblica de que tudo tem seu tempo exige também respeitar o biotempo dos demais, não lhes roubar seu tempo, nem tampouco negá-lo quando o necessitam. Ser amável (ou amigo) significa ter tempo e estar presente quando se requer tempo. Dar biotempo é o presente mais precioso de todos, porque é insubstituível. (...), então é preciso praticar o sossego e a paciência, o saber esperar e a tolerância temporal, escutar antes de falar, para que a maneira como lidamos com o tempo possa melhorar a qualidade de vida desta sociedade que não dá seu tempo ao tempo. As pessoas se

definem por seu trato com os demais, e a sociedade não pode ser mais humana do que as formas de tratar a seus membros (ROMANO, 2002, p. 12)

Portanto, cuidar desse tempo humano é também um valor social. Um valor que deve dialogar com o valor das sociedades aceleradas da atualidade e que deve ter seu tempo nesta sociedade, respeitado e valorizado. Se não nos propusermos a questionar os valores atuais – papel fundamental da pesquisa – e os modos mecanicistas de viver na contemporaneidade, o tempo pode nos devorar, assim como Cronos devora seus filhos.

É por isso que Romano nos coloca sabiamente que é preciso que esses valores sejam considerados como valores políticos. Para ele

Uma mudança no emprego do tempo passa, finalmente, por uma definição da cultura a partir da prática dos cidadãos e de um novo conceito de ser humano. Teria que se criar uma cultura cotidiana na qual o tempo fosse próprio e não alienado e alienante, de outros, dos poucos que se enriquecem com as carências dos muitos. Criar uma nova cultura significa antes de tudo liberar o potencial criador e organizador dos cidadãos, fazendo com que sejam protagonistas ativos e não consumidores de uma minoria de “conhecedores”; seria preciso “ampliar o círculo de conhecedores”, como dizia Brecht. E, para tudo isso, o domínio do tempo e sua ecologia parece imprescindível (ROMANO, 2002, p. 9)

Por isso a importância de se utilizar cada vez mais de um modo razoável não só o tempo de trabalho como também o tempo do ócio, aponta Romano, pois é nesse diálogo contínuo que se encontrará o ecotempo de cada um e de uma sociedade mais equilibrada.

Santos também aponta a necessidade de se fazer uma outra política, de se refletir sobre a imprescindibilidade da velocidade e a centralidade do ser humano no mundo. Ele diz que

A velocidade hegemônica atual, do mesmo modo que aquelas que a precederam - e tudo o que vem com ela e que dela decorre - é apreciável, mas não imprescindível. Não é certo que haja um imperativo técnico, o imperativo é político. A velocidade utilizada é um dado da política, e não da técnica [...] O progresso técnico não constituía obstáculo ao progresso moral, quando havia, paralelamente, progressos políticos. Assim, o problema fundamental é o de retomar o curso dessa história, recolocando o homem em seu lugar central no planeta (SANTOS, 2001, p. 01).

O autor, assim como Romano, nos coloca que considerar as diferentes temporalidades não significa voltar ao passado, mas levar em conta de forma crítica o uso da técnica e da política progressista veloz da atualidade, sem deixar de lado o equilíbrio entre o

homem e a máquina. Ou seja, que um posicionamento político de cidadania deve considerar essas diversas temporalidades, sem que uma se sobreponha à outra de forma hegemônica. Assim, Santos coloca que

Não se trata de pregar o desconhecimento da modernidade - ou uma forma de regresso ao passado -, mas de encontrar as combinações que, segundo as circunstâncias próprias a cada povo, a cada região, a cada lugar, permitam a construção do bem-estar coletivo. É possível dispor da maior velocidade tecnicamente possível no momento e não utilizá-la. É possível fruir da modernidade nova, atual, sem ser obrigatoriamente o mais veloz. Numa situação em que se combinam técnicas e tempos e velocidades diferentes, sem que um deles obrigatoriamente arraste os demais, se impõem forçosamente soluções políticas que não passem obrigatoriamente pela economia [...]. A questão é a de encontrar, para a palavra velocidade, equivalentes na prática social e política. Acreditamos que a noção de cidadania se possa prestar à discussão aqui proposta, desde que a consideremos em sua tríplice significação: cidadania social, econômica e política. Quanto mais se afirmam essas diversas vertentes da cidadania, maior é a garantia de que a "velocidade" pode ser limitada, ao mesmo tempo em que os benefícios da modernidade encontram a possibilidade de uma difusão democrática (SANTOS, 2001, p. 01).

Ao considerar a necessidade de se achar um ecotempo, admite-se a necessidade de considerar as multitemporalidades existentes em uma sociedade. E, assim sendo, a *experiência* tem lugar garantido na cultura. Se a *experiência* é própria do ser humano e se essa característica é considerada uma forma democrática de se fazer política, ela tem, desta forma, a chance de acontecer e não de se empobrecer, como colocou Benjamin, por uma sucessão veloz de acontecimentos.

De qualquer maneira, essa é a forma ideal de se considerar a democracia do tempo. O que podemos observar, porém, é que com a sensação de aceleração do tempo percebida por grande parte das pessoas o tempo da *experiência* se esmaece. Esmaece mas não se acaba.

O que as entrevistas realizadas nesta pesquisa trouxeram é que parece haver *experiência* na atualidade, ou seja, ela existe mesmo que em sociedades velozes, porque ela é própria do ser humano. O que é possível observar também é que ela é vivida de maneira diferente das décadas anteriores e que a cada época, com seu tempo e sua organização social, se coloca uma maneira específica de viver a *experiência*.

Enquanto formos humanos e considerarmos o tempo interno de nossa existência, a *experiência* continuará viva e poderá ser realizada de diferentes formas em diferentes nuances a cada momento histórico pelo qual passarmos. Ainda assim, é importante considerar a necessidade de construir políticas democráticas a favor das questões sociais e humanas, como já nos apontou Romano anteriormente, pois dessa maneira se considera os diferentes campos que constituem a complexidade do ser humano.

Portanto, observa-se que é possível haver experiência em tempos acelerados como os atuais, mas que ela pode se modificar dependendo de como e onde se manifesta, principalmente pelo fato de o ser humano ser dialógico, essas nuances sempre existirão, às vezes mais fortes, às vezes mais fracas. Mas, como aponta Benjamin, uma sociedade que produz uma reprodutibilidade técnica esvaziada também produz cultura profunda e essencial sobre si mesma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A percepção do tempo em alta velocidade parece ter se tornado hegemônica na contemporaneidade. Percebemos, principalmente nas grandes cidades, as pessoas correndo para todos os lados a fim de cumprirem suas agendas lotadas e seus compromissos inadiáveis.

Alguns pesquisadores vêm observando esse fenômeno há algum tempo e estudando o porquê, o como e o para onde corre-se tanto nos dias atuais. Esse parece ser também um lamento de muitas pessoas em relação aos seus tempos cotidianos.

Como vimos, a partir da modernidade, com a Revolução Industrial e as máquinas a vapor se desenvolvendo de forma rápida e multiplicadora, a sensação de aceleração do tempo se enfatizou em função das novas organizações sociais e culturais que nasciam na época. As cidades cresceram e grande parte da população que vivia no campo, e num outro tempo cotidiano, mudou-se para a cidade e passou a viver o tempo da máquina e da indústria. Nessa época, os relógios ganharam destaque instalando-se nas torres das igrejas e das estações de trem, para que as pessoas “não perdessem a hora”. Um novo ritmo cotidiano urbano nascia. E só cresceu desde então.

Com o advento da internet e sua popularização no final do século XX, ficar conectado e online na maior parte do tempo tornou-se o status da maioria das pessoas. Dos jovens, principalmente, que acompanharam de perto o rápido desenvolvimento de tecnologias cada vez mais modernas e utilitárias. No entanto, o desenvolvimento da técnica desde o século XVIII, trouxe consigo uma série de mudanças nos modos de ser e de estar no mundo. A sensação da aceleração do tempo foi uma das mais relevantes.

Ao investigar como se desenvolveu essa sensação de aceleração do tempo e os valores por trás desse comportamento, observou-se que produtividade, eficiência, qualidade máxima e irreparabilidade são os conceitos que orientam esta caminhada veloz. Preceitos estes, vindos do capital e das sociedades onde a concorrência e o acúmulo de valores são os principais objetivos. Assim, quanto mais se corre, mas se produz; quanto mais se produz, mais concorrência é gerada; quanto mais concorrência, mais produtividade; quanto mais produtividade, mais aumento do capital.

Mas nessa engrenagem perigosa, onde ficam os tempos e as experiências dos seres humanos? Se devemos produzir cada vez mais e com mais eficiência, onde ficam os tempos de descanso, de criatividade, de ócio e de experiência, que são próprios do ser humano?

Foi a partir dessa tensão entre o tempo acelerado das sociedades contemporâneas e os tempos subjetivos do ser humano, que esta pesquisa pôs-se a observar como as pessoas vivem a *experiência*, a partir do conceito do filósofo alemão Walter Benjamin, na atualidade, visto que para vivê-la é necessário entrega, vínculo e duração de tempo.

A investigação desse trabalho mostrou que essa é uma questão profunda, que não diz respeito apenas ao comportamento cotidiano de homens e mulheres que circulam nas grandes cidades, mas implica uma conceituação de modelo de sociedade e de valores políticos implicados no estar no mundo da atualidade.

Alguns autores como Walter Benjamin, Paul Virilio, Vicente Romano, bem como Norval Baitello Junior e Milton Santos, este últimos no Brasil, nos apontam que o desejo por uma velocidade desenfreada tem seus moldes nas sociedades capitalistas, onde o estímulo à concorrência e à máxima produtividade são impostos como valores fundamentais. Porém, sem saber disso, muitos de nós entramos nessa engrenagem sem perceber o quanto podemos ser engolidos por esse funcionamento, mesmo sentindo-nos abastados de atividades, com os tempos de trabalho e lazer cada vez mais borrados e quase sem tempo para atividade que exigem tempo lento.

Os jovens adultos entrevistados para **esta dissertação** nos mostram que as agendas cheias de trabalhos são comuns e estar conectados na maior parte do tempo tem se tornado o *modus operandi* da atualidade. Estar o tempo todo conectado, realizando alguma tarefa e enviando mensagens na maior parte do tempo nos faz questionar onde fica o tempo lento, o contato com o tempo subjetivo (tempo interno do ser humano) e a *experiência*, próprias do ser humano.

O que observou-se nas entrevistas realizadas é que, sim, há uma sensação de aceleração do tempo e da quantidade de tarefas a ser cumpridas, mas que, mesmo assim, há momentos de entrega, de paradas e de *experiência* na atualidade. O que parece, é que o

tempo da *experiência* questionado por Benjamin na década de 1930, não é o mesmo tempo da atualidade, mas que por ser próprio do homem o sentimento, a subjetividade e o vínculo, esse tempo possivelmente sempre existirá. Assim como nos mostram Elias e Pomian, cada época e cada cultura se relaciona com o tempo de maneiras próprias, e que vão se alterando ao longo de sua existência. O importante a se considerar é o que Romano e Santos nos colocam a respeito da hegemonia de um único tempo de poucos imposto para muitos. Esse é um tempo político e para eles devemos olhar com cuidado para isso.

Segundo Santos, é preciso encontrar combinações que permitam a construção do bem-estar coletivo de acordo com as circunstâncias próprias de cada povo e cada região considerando as multitemporalidades existentes em cada sociedade. E Romano reforça essa ideia ao dizer que é necessário as sociedades atuais terem novas cronologias, impondo-se um uso mais saudável e equilibrado do tempo, que passa por ações que consideram também os valores do ser humano e não só os valores do mercado, encontrando, assim, um ecotempo, ou seja, um equilíbrio entre as diferentes temporalidades (ROMANO, 2008).

Os países sociais-democratas, por exemplo, em suas leis a favor das necessidades humanas, consideram as licenças como um direito de todo cidadão. Não são consideradas perda de tempo ou falta de eficiência, mas uma necessidade que o Estado deve entender e acolher. E, se podemos ter considerado esse tempo humano na organização política-social, temos mais possibilidades de entrar em contato com a *experiência*, essencial para nosso crescimento como seres humanos.

Ainda há muito o que se pesquisar sobre o tema abordado nesta pesquisa, mas o recorte realizado pode trazer elementos para se pensar as sociedades atuais e a forma como nos comunicamos e nos relacionamos nelas. E, como citado anteriormente, a pesquisa tem papel fundamental e relevante de propor questões que nos façam refletir sobre nossas condições, nossas crenças, nossos estados. O dialogismo encontrado entre o conceito estabelecido antes da pesquisa e o olhar investigativo foi de extrema relevância para desconsiderar os pré-conceitos e olhar para o fenômeno de forma mais próxima e verdadeira.

Assim, parar para pensar, para refletir, para criar e para *experimentar* se mostrou essencial em nossas vidas e dar-se esse tempo é uma forma de resistir a um único tempo imposto e considerar as multiplicidades de uma sociedade democrática.

REFERÊNCIAS

AQUINO, J. H. O Conceito de Experiência no pensamento benjaminiano. **Cadernos Walter Benjamin**, Fortaleza: Editora da UECE, vol.13, p.46-56 jul.-dez. 2014. Disponível em: <http://www.gewebe.com.br/pdf/cad13/caderno_04.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2017.

BAITELLO JUNIOR, N. **A era da iconofagia**: reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura. São Paulo: Paulus, 2014.

_____. Corpo e imagem: comunicação, ambientes e vínculo. In: RODRIGUES, David (org.) **Os valores e as atividades corporais**. São Paulo: Summus, 2008.

_____. **O animal que parou os relógios**. São Paulo: Annablume, 1999.

_____. As núpcias entre o nada e a máquina. In: BERNARDO, G. (Org.). **Literatura e ceticismo**. São Paulo: Annablume, 2008. p.25-42.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet; prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. Paris, Capital do século XIX. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). **Teoria da Literatura em suas fontes**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975. p. 30-43.

BLUMENBERG, H. **Tiempo de la vida y tempo del mundo**. [*Lebenszeit und Weltzeit*]. Tradução de Manuel Canet. Valencia: Pre-textos, 2007.

COULDRY, N. O Tempo e as Mídias Digitais: aprofundamento do tempo, déficits de tempo e configuração narrativa. **Revista Parágrafo**, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 63-13, jul/dez, 2015.

CRARY, J. **24/7**: capitalismo tardio e os fins do sono. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

ELIAS, N. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

FLUSSER, V. Do tempo e de como ele acabará. **O Estado de São Paulo**. Março, 1962. Disponível em: <<http://www.flusserbrasil.com/art9.html>>. Acesso em: 15 jan. 2017.

FRANCO, R. **10 lições sobre Walter Benjamin**. Petrópolis: Vozes, 2015.

FREITAS, A. O que significa ser a última geração que viveu o mundo analógico. **Nexo**. 05 set 2016. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/09/05/O-que-significa-ser-a-%C3%BAltima-gera%C3%A7%C3%A3o-que-viveu-o-mundo-anal%C3%B3gico>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

GROS, F. Preguiça e capitalismo. In: NOVAES, Adauto (Org.). **Mutações: elogio à preguiça**. São Paulo: Edições SESC, 2012.

HARTOG, F. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiência do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

KAMPER, D. **O trabalho como vida**. São Paulo: Annablume, 1998.

KONDER, L. **Walter Benjamin**: o marxismo da melancolia. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

KOTHE, F. R. **Para ler Walter Benjamin**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

MATOS, O C. F. **Aceleração do Tempo e Pós-Democracia**: Violência e Comunicação. Quadriênio 2014-2017. Coordenadora FFLCH e UNIFESP . São Paulo. 2014

MATEUS, S. A Experiência e a Vivência – proposta de uma teoria modular da comunicação. **Revista da E-compós**. Brasília, vol. 17, n.2, p.1-14, mai/agos.2014

MEINEZ, A. **Concepção de experiência em Walter Benjamin**. Rio Grande do Sul, 2008. Dissertação de mestrado - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

MENEZES, J. E. de O. **Rádio e cidade**: vínculos sonoros. São Paulo: Annablume, 2007.

_____. **Cultura do Ouvir e Ecologia da Comunicação**. São Paulo: Uni, 2016. Disponível em: <<https://casperlibero.edu.br/mestrado/livros-mestrado/>>. Acesso em: 31 jul. 2017.

MITROVITCH, C. **Experiência e formação em Walter Benjamin**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

PELEGRINI, M. **Tempo, tecnologia e mídia**: o roubo do presente e a construção do futuro nos grupos sociais. São José do Rio Preto: Bluecom, 2008.

PELLANDA, E. Comunicação móvel: das potencialidades aos usos e aplicações. In: Intercom – Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2 a 6 de set. de 2008, Natal. Anais do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação: mercado e comunicação na sociedade digital. Natal: Intercom, 2008.

POMIAN, K. **L'orde du temps**. Paris: Gallimard, 1984.

_____. **Tempo/Temporalidade**. Enciclopédia Einaudi, Vol. 29. Lisboa: Imprensa Nacional, 1993.

QUEVEDO, W. A. Notas Sobre Narração e Experiência em Walter Benjamin. **Anuário de Literatura**. Santa Catarina, 2008, vol. 13, n. 2, p. 98-117. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2008v13n2p98>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

ROMANO, V. **El tiempo y el espacio em la comunicacion**: la razón pervertida. Hondarribia: Argitaletxe Hiru, 1998.

_____. Ordem cultural e ordem natural do tempo. **CISC**. São Paulo: 02 set. 2002. Disponível em: <<http://www.cisc.org.br/portal/index.php/pt/biblioteca/finish/18-romano-vicente/55-ordem-cultural-e-ordem-natural-do-tempo.html>> Acesso em: 05 jan. 2017.

SANTOS, M. Elogio da lentidão. **Folha de São Paulo**, São Paulo: 11 mar. 2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1103200109.htm>>. Acesso em: 30 jul. 2016.

_____. O tempo nas cidades. **São Paulo: Ciência e cultura**, 56, 2, abril-maio 2004, p.21-22. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252002000200020&script=sci_arttext>. Acesso em: 20 jan. 2017.

VIRILIO, P. **Guerra Pura**: a militarização do cotidiano. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. **Minha língua estrangeira é a velocidade, é a aceleração do real** (jun.2011). Guilherme Soares dos Santos. Diário Liberdade, jun. 2011. Site de notícias. Disponível em: <<http://www.diarioliberalidade.org/component/content/article.html?id=16682:entrevista-ao-filosofo-frances-paul-virilio>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

WULF, C. “La fugacidad del tiempo”. In: WULF, Christoph. **Antropología. Historia, cultura, filosofía**. México: Anthropos, 2008. p. 143-145.

ZAMOR, J. A. Walter Benjamin e o império do instante. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**. Edição 313. NOV/2009. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2909&secao=313> Acesso em: 20 mai. 2017.

APÊNDICES

QUESTÕES PARA ENTREVISTAS

- 1.** Nome
- 2.** Idade
- 3.** Cidade onde mora
- 4.** Área de formação
- 5.** Com o quê trabalha (área em que trabalha e qual a função)?
- 6.** Qual o horário de trabalho oficial?
- 7.** Trabalha além do horário contratual de trabalho? Como? Onde? (na empresa, on-line, outros?)
- 8.** Tem smartphone? Fica conectado o dia todo? Se não, quantas horas por dia?
- 9.** Que ações realizadas pelo celular? (vê mensagens de SMS, WhatsApp, Facebook, Envia e recebe e-mails, lê textos ou documento pessoais e/ou de trabalho, alguma outra ação não citada aqui?)
- 10.** Fica com o celular ligado durante todo o dia? Costuma levá-lo para todos os lugares que vai?
- 11.** Em casa, leva o celular com você para todos os lugares/cômodos em que vai?
- 12.** Confere o celular de quanto em quanto tempo? (20s; 50min; 1min; 5min; 10min; 30min; 1h?)
- 13.** Está estudando no momento? O que estuda?
- 14.** Confere o celular durante a aula. Quantas vezes?
- 15.** Quanto tempo se dedica a estudar por dia ou semana? Consegue se desligar de estímulos externos para estudar?
- 16.** Acha que conversar com alguém durante o dia é perda de tempo? E ler um texto longo?
- 17.** Separa algum tempo na semana para não fazer nada? O que é fazer nada pra vc?
- 18.** Quantas mensagens (e-mail/WhatsApp) envia por dia, em média?
- 19.** Costuma responder essas mensagens sempre imediatamente? Há alguma que demora mais para responder?
- 20.** Dorme com o celular ligado?
- 21.** Caso ele toque sinal de mensagem à noite, costuma conferir a mensagem? E costuma responder?
- 22.** Costuma ter atividades de lazer? Quais?
- 23.** Quando realiza essas atividades (de lazer), faz outra coisa ao mesmo tempo? Como conversar, ver o celular, ler, estudar etc.
- 24.** Costuma frequentar ambientes onde é preciso desligar o celular? O que faz e como se sente nesses momentos?
- 25.** Sente que o tempo estabelecido para as atividades diárias é suficiente para se fazer tudo que precisa (trabalhar, estudar, ver amigos, realizar atividades física, de lazer, resolver pendências etc)?

26. Dê um exemplo de atividade que realizou nos últimos anos e que sente que experienciou-a em profundidade (uma viagem, um projeto, um trabalho, uma conversa) e conte o porquê.

27. Gostaria de falar algo a mais que não foi perguntado nesse questionário, mas acha importante apontar?

ENTREVISTA - I

1. Nome

Ana Fontes

2. Idade

Tenho 30 anos.

3. Cidade onde mora

Em São Paulo, na cidade grande.

4. Área de formação

Administração

5. Com o quê trabalha (área em que trabalha e qual a função)?

Trabalho numa empresa de convênios médicos.

6. Qual o horário de trabalho oficial?

Horário normal, das 09h00 às 18h00

7. Trabalha além do horário contratual de trabalho Como? Onde? (na empresa, on-line, outros?)

Muitas vezes fico depois do expediente, principalmente quando temos um lote de documentos para verificar. Também costumo responder muitos e-mails (muitas vezes do celular pois estou na rua). Isso é fora do trabalho, né.

8. Tem smartphone? Fica conectado o dia todo? Se não, quantas horas por dia?

Sim, fico conectada o tempo todo e levo meu carregador para caso a bateria acabe. Tenho internet no celular e dependendo do lugar uso wifi no metrô, em lanchonete, café, no trabalho.

9. Que ações realiza pelo celular? (vê mensagens de SMS, WhatsApp, Facebook, Envia e recebe e-mails, lê textos ou documento pessoais e/ou de trabalho, alguma outra ação não citada aqui?)

Leio e-mails, SMS, WhatsApp, Facebook, Instagram, Twitter, leio algumas notícias, às vezes vejo séries do Netflix, mas não é sempre. Consuto alguns sites, também. Mas uso mais as redes sociais.

10. Fica com o celular ligado durante todo o dia? Costuma levá-lo para todos os lugares que vai?

Praticamente todos. Deixo ele do meu lado, na minha mesa, no trabalho, levo pra reunião, uso no metrô e no ônibus.. até no banheiro eu levo as vezes, porque também leio nele e às vezes é a hora que dá para enviar mensagens.

11. Em casa, leva o celular com você para todos os lugares/cômodos em que vai?

Sim, levo.

12. Confere o celular de quanto em quanto tempo? (20s; 50min; 1min; 5min; 10min; 30min; 1h?)

Não sei... talvez a cada 20min, 30 min. Talvez isso.

13. Está estudando no momento? O que estuda?

Não. Eu fiz um curso em contabilidade, mas já faz uns meses.

14. Confere o celular durante a aula. Quantas vezes?

Não, porque não estou estudando. Mas quando estava na aula, eu consultava um pouco.

15. Quanto tempo se dedica a estudar por dia ou semana? Consegue se desligar de estímulos externos para estudar?

Não estou fazendo nenhum curso.

16. Acha que conversar com alguém durante o dia é perda de tempo? E ler um texto longo?

Não. Mas eu não tenho tempo para fazer essas atividades. Converso mais com as minhas amigas por WhatsApp.

17. Separa algum tempo na semana para não fazer nada? (seja andar, ver tv, conversar, ler etc).

Vejo séries, filmes do Netflix. Às vezes caminho com minha cachorra nos finais de semana.

18. Quantas mensagens (e-mail/WhatsApp) envia por dia, em média?

Ah! Não sei, nunca contei. Várias. Talvez umas 40... Envio muitos e-mails de trabalho, isso com certeza.

19. Costuma responder essas mensagens sempre imediatamente? Há alguma que demora mais para responder?

Nem sempre dá pra responder na hora, mas sempre que dá eu olho para ver quem escreveu. Assim que posso, costumo responder as mensagens. Algumas mensagens de grupo eu vejo mas não respondo todas.

20. Dorme com o celular ligado?

Sim, durmo.

21. Caso ele toque sinal de mensagem à noite, costuma conferir a mensagem? E costuma responder?

Se eu não estou dormindo direito, sim, eu vejo a mensagem, mas normalmente acabo vendo quando eu acordo mesmo.

22. Costuma ter atividades de lazer? Quais?

Gosto de ver séries, sair com minhas amigas, ir ao shopping, passear com minha cachorra.

23. Quando realiza essas atividades, faz outra coisa ao mesmo tempo? Como conversar, ver o celular, ler etc.

Na maioria das vezes, sim. Vejo mensagens. Até porque costumamos nos conversar e marcar de se encontrar por mensagens, WhatsApp. Se a série tá meio cansativa eu deixo ela passando e vou olhando o celular.

24. Costuma frequentar ambientes onde é preciso parar, pensar? O que faz e como se sente nesses momentos?

No trabalho tenho que me concentrar, mas mais quando tem reuniões ou tem algum relatório pra entregar logo ou que é mais importante.

25. Sente que o tempo estabelecido para as atividades diárias é suficiente para se fazer tudo que precisa (trabalhar, estudar, ver amigos, realizar atividades física, de lazer, resolver pendências etc)?

Não. Parece que estou sempre deixando de fazer alguma coisa. Consigo encontrar as amigas mais no final de semana. No dia a dia, é bem corrido.

26. Dê um exemplo de atividade que realizou nos últimos anos e que sente que experienciou-a em profundidade (uma viagem, um projeto, um trabalho, uma conversa) e conte o porquê.

Fiz uma viagem no ano passado para Porto de Galinha e foi muito bom! Esqueci de tudo lá! Fiquei bem contente. Tem uma amiga também que eu converso sempre, que é sempre bem profundo.

27. Gostaria de falar algo a mais que não foi perguntado nesse questionário, mas acha importante apontar?

Não. Obrigada.

ENTREVISTA - II

1. Nome

Andreia Gomes

2. Idade

36.

3. Cidade onde mora

São Paulo (SP).

4. Área de formação

Design Digital.

5. Com o quê trabalha (área em que trabalha e qual a função)

Webdesigner na área de educação. Trabalho para empresas como freelancer e para o Cenpec como colaboradora.

6. Qual o horário de trabalho oficial?

9h às 18h no Cenpec e como *freela* nos outros horários.

7. Trabalha além do horário contratual de trabalho? Como? Onde? (na empresa, on-line, outros?)

Sim, também trabalho em casa como freelancer, como falei antes.

8. Tem smartphone? Fica conectado o dia todo? Se não, quantas horas por dia?

Sim, fico conectada durante todo o dia (das 7h as 23h mais ou menos). Uso o celular para despertar, para ir ao trabalho, às vezes vejo o caminho pelo wase ou google maps (aplicativos de GPS), falo pelo WhatsApp e pelo talk do Google ao longo do dia.

9. Que ações realiza pelo celular? (vê mensagens de SMS, WhatsApp, Facebook, Envia e recebe e-mails, lê textos ou documento pessoais e/ou de trabalho, alguma outra ação não citada aqui?)

Além das citadas na pergunta que me fez antes, também uso para pagat contas, fazer compras on-line, ver notícias, para chamar Uber e taxi.

10. Fica com o celular ligado durante todo o dia? Costuma levá-lo para todos os lugares que vai?

Sim, só desligo a rede entre as 23h e 7h, quando vou dormir. Eu uso um aplicativo que nessa hora, mais ou menos, ele já utiliza uma luz mais fraca, com menos estímulo.

11. Em casa, leva o celular com você para todos os lugares/cômodos em que vai?

Nem sempre, às vezes esqueço do celular em casa. Mas costume tê-lo por perto.

12. Confere o celular de quanto em quanto tempo? (20s; 50s; 1min; 5min; 10min; 30min; 1h?)

A cada 15/30min em média, mas se recebo mensagens olho, principalmente no trabalho. Se precisar, respondo.

13. Está estudando no momento? O que estuda?

Não.

14. Confere o celular durante a aula. Quantas vezes?

Se estou fazendo algum curso específico, não. Como estudei comunicação e semiótica e li alguns textos do Prof. Edilson Cazeloto, que você também conhece, por exemplo, me pergunto sobre estar com o celular sempre ligado, essa coisa de estar sempre publicando nas redes sociais e tal.

15. Quanto tempo se dedica a estudar por dia ou semana? Consegue se desligar de estímulos externos para estudar?

Tento estudar algo relevante da minha área pelo menos 1 hora por semana, nem sempre consigo me desligar de estímulos externos.

16. Acha que conversar com alguém durante o dia é perda de tempo? E ler um texto longo?

Não para ambos. Converso com as meninas do trabalho, às vezes vamos almoçar juntas. À noite converso com meu marido, ou mesmo pelo WhatsApp com alguma amiga. Mas quando tenho muito trabalho, que nem agora para os preparos e a realização do blog da Olimpíada (de Língua Portuguesa), preciso ficar focada, pois é muita coisa para fazer.

17. Separa algum tempo na semana para não fazer nada? O que é fazer nada pra vc?

Sim. Ah, ver séries, descansar.

18. Quantas mensagens (e-mail/WhatsApp)envia por dia, em média?

Média de 10 mensagens de WhatsApp. E-mail depende da quantidade de trabalho.

19. Costuma responder essas mensagens sempre imediatamente? Há alguma que demora mais para responder?

Não costumo responder imediatamente, a não ser que seja realmente necessário. Os e-mails fico mais atenta porque são sobre o trabalho. Então, na maioria das vezes, responso logo.

20. Dorme com o celular ligado?

Só o despertador.

21. Caso ele toque sinal de mensagem à noite, costuma conferir a mensagem? E costuma responder?

Após as 23h não, pois ele automaticamente entra em modo “Não perturbe”.

22. Costuma ter atividades de lazer? Quais?

Sim, jogos eletrônicos, ciclismo, leitura, cinema e sair com os amigos.

23. Quando realiza essas atividades, faz outra coisa ao mesmo tempo? Como conversar, ver o celular, ler, estudar etc.

Sim, vejo o celular algumas vezes.

24. Costuma frequentar ambientes onde é preciso desligar o celular, parar, pensar? O que faz e como se sente nesses momentos?

Sim, se não estou esperando uma mensagem ou estou ansiosa com algo é bem tranquilo aguardar.

25. Sente que o tempo estabelecido para as atividades diárias é suficiente para se fazer tudo que precisa (trabalhar, estudar, ver amigos, realizar atividades física, de lazer, resolver pendências etc)?

Nem Sempre é. Se parar para organizar é possível, mas cada vez mais o tempo está corrido.

26. Dê um exemplo de atividade que realizou nos últimos anos e que sente que experienciou-a em profundidade (uma viagem, um projeto, um trabalho, uma conversa) e conte o porquê.

Algumas atividades. Passear com meu marido, com as amigas. Fazer um curso. Ou mesmo quando estou trabalhando.

27. Gostaria de falar algo a mais que não foi perguntado nesse questionário, mas acha importante apontar?

Não.

ENTREVISTA - III

1. Nome

Carlos Pereira

2. Idade

35 anos

3. Cidade onde mora

Moro aqui em São Paulo, capital.

4. Área de formação

Sou formado em Publicidade e Propaganda.

5. Com o quê trabalha (área em que trabalha e qual a função)?

planejamento estratégico de marcas

6. Qual o horário de trabalho oficial?

Trabalho das 9h30 às 17h30 na empresa e das 19h às 22h30 na faculdade, dando aulas.

7. Trabalha além do horário contratual de trabalho? Como? Onde? (na empresa, on-line, outros?)

Sim, costumo trabalhar mais, mas por opção. Dou aula, faço palestras, escrevo pra portais, entre outros. Atuo tanto online quanto off-line, em diferentes trabalhos.

8. Tem smartphone? Fica conectado o dia todo? Se não, quantas horas por dia?

Sim, tenho um smartphone e passo o dia inteiro conectado, da hora que acordo ao momento que vou dormir. Eu só tiro o olho do celular quando estou no computador, já que este conta com os mesmos programas.

9. Que ações realiza pelo celular? (vê mensagens de SMS, WhatsApp, Facebook, Envia e recebe e-mails, lê textos ou documento pessoais e/ou de trabalho, alguma outra ação não citada aqui?)

Eu faço tudo isso! SMS, MMS, WhatsApp, Acesso as mídias sociais, e-mails, GPS, fotos, músicas, vídeos, telefone, entre outros. Meu celular me acompanha o dia todo por me entregar ferramentas que tornam meu dia mais organizado ou ágil. Faça quase tudo pelo celular.

10. Fica com o celular ligado durante todo o dia? Costuma levá-lo para todos os lugares que vai?

Sim, deixo ligado todo o dia, mas no silencioso. Todos os programas desabilitados pra me chamar ou enviar alertas, de forma que posso ficar horas sem olhar pra ele se preciso, como por exemplo, quando estou em reuniões, palestras, na sala de aula, ou esse tipo de compromisso.

11. Em casa, leva o celular com você para todos os lugares/cômodos em que vai?

Sim, até porque que ele funciona inclusive como item para a casa, como livro de receita, controle da televisão, guia de senhas, entre outros. Tanto consulto pras ver mensagens e redes sociais como pra todas essas outras coisas.

12. Confere o celular de quanto em quanto tempo? (20s; 50min; 1min; 5min; 10min; 30min; 1h?)

Ah, eu não tenho um padrão, pode depender da necessidade e do momento do meu dia, ou dia da semana. Eu consulto com frequência, mas como disse, momentos em que estou em reunião ou palestra, por exemplo, eu não pego o celular.

13. Está estudando no momento? O que estuda?

Terminei o mestrado, de forma que formalmente não estudo. Porém, leio bastante sobre marketing diariamente, inclusive pelo celular. Aliás eu leio e escrevo muito pelo celular.

14. Confere o celular durante a aula. Quantas vezes?

Na época do mestrado, sim. Não tinha padrão de quantidade ou de tempo... Algumas aulas mais vezes, outras menos, algumas aulas nem mesmo olhava o celular.

15. Quanto tempo se dedica a estudar por dia ou semana? Consegue se desligar de estímulos externos para estudar?

Consigo com facilidade, de verdade. Não posso dizer que largo o celular pra estudar, já que muitas vezes estudo nele, mas quando escrevo projetos, passo 5 ou 6 horas no computador sem olhar o celular ou acessar qualquer forma de internet.

16. Acha que conversar com alguém durante o dia é perda de tempo? E ler um texto longo?

Ler texto longo não é perda de tempo, mas há pouco tempo para eles (sim, são coisas diferentes). Na correria do dia a dia, priorizo textos mais curtos, assim como seriados ao invés de filmes, pequenas notas ao invés de grandes notícias. Sim, dou preferência para essas leituras porque o dia a dia é corrido.

17. Separa algum tempo na semana para não fazer nada? O que é fazer nada pra vc?

Não tenho um horário definido, mas durante o final de semana, faço nada de sábado ou domingo. Vejo filmes, passeio, ou simplesmente durmo.

18. Quantas mensagens (e-mail/WhatsApp) envia por dia, em média?

Só de e-mail passam de 100 mensagens, todas de trabalho. Já o WhatsApp não sei, mas deve ser número maior, pois uso bastante. Porém, diferente do e-mail, não leio todas as mensagens do WhatsApp.

19. Costuma responder essas mensagens sempre imediatamente? Há alguma que demora mais para responder?

Não, não respondo imediatamente, respondo quando eu quero. Só respondo imediatamente o que é importante e/ou urgente. Tem mensagens de grupos, por exemplo que eu não vejo e não respondo.

20. Dorme com o celular ligado?

Sim, já que troquei o telefone fixo pelo celular, e porque ele também serve como despertador. Eu uso o celular pra várias funções, então como eu já disse antes, levo ele comigo.

21. Caso ele toque sinal de mensagem à noite, costuma conferir a mensagem? E costuma responder?

Não leio. Deixo ele ligado porque é meu despertador e também para o caso de uma ligação urgente.

22. Costuma ter atividades de lazer? Quais?

Sim, apesar de trabalhar bastante gosto de ler, escrever, ver filmes e tomar vinho.

23. Quando realiza essas atividades (de lazer), faz outra coisa ao mesmo tempo? Como conversar, ver o celular, ler, estudar etc.

Não, eu foco nelas.

24. Costuma frequentar ambientes onde é preciso desligar o celular? O que faz e como se sente nesses momentos?

Não frequento, mas se frequentasse não sentiria dor em ter que desligar. Em locais como igreja, cinema e hospitais, por exemplo, ele fica ligado no silencioso e não o olho. É como se estivesse desligado para a internet.

25. Sente que o tempo estabelecido para as atividades diárias é suficiente para se fazer tudo que precisa (trabalhar, estudar, ver amigos, realizar atividades física, de lazer, resolver pendências etc)?

Não, às vezes o tempo não é suficiente, mas isso não tem ligação alguma com o celular! Eu tenho uma empresa, palestro uma média de 2x ao mês, escrevo para um portal e duas revistas, dou aula em dois lugares e participo de associações. Eu sei, eu sou um *workaholic*. Se com celular não tenho tempo, sem celular teria menos tempo ainda... (já consegui escrever artigo pra revista em sala de espera do medico usando celular).

26. Dê um exemplo de atividade que realizou nos últimos anos e que sente que experienciou-a em profundidade (uma viagem, um projeto, um trabalho, uma conversa) e conte o porquê.

Qualquer coisa que faço, é com tesão, com prazer, entro de cabeça. Pode ser uma viagem ou um charuto com os amigos. Então não destacaria uma, pois valeria tanto o momento do meu casamento quanto o vinho da ultima noite. Claro que existem momentos mais importantes que outros (tipo o casamento), mas escolher um entre tantos é complicado. Eu mergulho, me envolvo com essas atividades.

27. Gostaria de falar algo a mais que não foi perguntado nesse questionário, mas acha importante apontar?

Não, acho que já falei tudo.

ENTREVISTA - IV

1. Nome

Bruna Campos

2. Idade

32 anos

3. Cidade onde mora

São Paulo

4. Área de formação

Ciências Sociais

5. Com o quê trabalha (área em que trabalha e qual a função)?

Educação, em uma Organização da Sociedade Civil, a antiga ONG.

6. Qual o horário de trabalho oficial?

Comercial, das 09h00 às 18h00

7. Trabalha além do horário contratual de trabalho? Como? Onde? (na empresa, on-line, outros?)

Sim, em casa e na própria OSC, online pelo computador, pelo WhatsApp, Facebook..

8. Tem smartphone? Fica conectado o dia todo? Se não, quantas horas por dia?

Sim, fico conectada sempre que tenho acesso à uma rede wifi ou em deslocamentos quando estou no transporte público, ou aguardando uma consulta, etc. Em média, acho que fico mais de 8 horas conectada por dia.

9. Que ações realiza pelo celular? (vê mensagens de SMS, WhatsApp, Facebook, Envia e recebe e-mails, lê textos ou documento pessoais e/ou de trabalho, alguma outra ação não citada aqui?)

Leio e-mails, SMS, WhatsApp, Facebook, Instagram, leio textos curtos, jogos, vejo esportes, música, filmes e séries por streaming, consulto página do banco, solicito serviço de táxi Cabify, consulto aplicativo de transporte público. Faço várias dessas coisas.

10. Fica com o celular ligado durante todo o dia? Costuma levá-lo para todos os lugares que vai?

Praticamente todos, com exceção de algumas reuniões ou no almoço.

11. Em casa, leva o celular com você para todos os lugares/cômodos em que vai?

Não, não costumo levar.

12. Confere o celular de quanto em quanto tempo? (20s; 50min; 1min; 5min; 10min; 30min; 1h?)

Durante o dia de trabalho, de 30 minutos em 30 minutos, 1 hora.

13. Está estudando no momento? O que estuda?

Não. Eu leio bastante, mas não estudando formalmente no momento.

14. Confere o celular durante a aula. Quantas vezes?

Não, não estou estudando.

15. Quanto tempo se dedica a estudar por dia ou semana? Consegue se desligar de estímulos externos para estudar?

Como eu disse, no momento não tenho um tempo diário dedicado aos estudos, porque não estou fazendo nenhum curso.

16. Acha que conversar com alguém durante o dia é perda de tempo? E ler um texto longo?

Não para nenhum dos dois.

17. Separa algum tempo na semana para não fazer nada? (seja andar, ver tv, conversar, ler etc).

Ultimamente tem sido difícil, realmente está corrido, tenho bastante trabalho, mas costumo parar para ver séries, esporte pela TV, ir ao cinema e shows, além de encontrar os amigos.

18. Quantas mensagens (e-mail/WhatsApp) envia por dia, em média?

Nunca contei, mas com certeza mais de 50.

19. Costuma responder essas mensagens sempre imediatamente? Há alguma que demora mais para responder?

Considero mais fácil aguardar para responder mensagens de e-mail do que WhatsApp e Messenger do Facebook. Essas eu respondo mais rápido.

20. Dorme com o celular ligado?

Sim, é meu despertador

21. Caso ele toque sinal de mensagem à noite, costuma conferir a mensagem? E costuma responder?

Não, meu celular está sempre no mudo e de madrugada ele fica com o wifi desligado.

22. Costuma ter atividades de lazer? Quais?

Não. Como eu falei eu gosto de ver séries e esporte, mas não tenho uma atividade fixa de lazer.

23. Quando realiza essas atividades, faz outra coisa ao mesmo tempo? Como conversar, ver o celular, ler etc.

Eu ouço música

24. Costuma frequentar ambientes onde é preciso parar, pensar? O que faz e como se sente nesses momentos?

Sim, mas tenho identificado que é mais difícil se concentrar nelas, especialmente quando tenho demandas da vida que preciso resolver, quando o evento/ texto não está interessante ou exige muita concentração, por exemplo.

25. Sente que o tempo estabelecido para as atividades diárias é suficiente para se fazer tudo que precisa (trabalhar, estudar, ver amigos, realizar atividades física, de lazer, resolver pendências etc)?

Não, definitivamente não é suficiente, inclusive porque com as tecnologias sinto que aumentaram as pressões por dar conta de novas demandas, ficando mais explícito no campo do trabalho ou da vida social/ particular. Atualmente sou acionada por demandas do trabalho no WhatsApp aos finais de semana, depois do expediente, que podem não ser resolvidas na hora, mas que me incomodam quando não consigo gerar respostas a tempo.

26. Dê um exemplo de atividade que realizou nos últimos anos e que sente que experienciou-a em profundidade (uma viagem, um projeto, um trabalho, uma conversa) e conte o porquê.

Acredito que para essa questão eu escolho uma viagem que fiz de 2 semanas para o Ceará há 2 anos, que me permitiu o desligamento do trabalho, das minhas relações

familiares, me colocando mais em contato comigo e com a natureza, com outras noções de espaço e tempo.

27. Gostaria de falar algo a mais que não foi perguntado, mas acha importante apontar?

Não.

ENTREVISTA - V

1. Nome

Kadu

2. Idade

32

3. Cidade onde mora

Juquitiba - SP

4. Área de formação

Artes Plásticas

5. Com o quê trabalha (área em que trabalha e qual a função)?

Trabalho como fotógrafo *freelancer*

6. Qual o horário de trabalho oficial?

Sem horário fixo, pois justamente atuo como freela pra diferentes lugares.

7. Trabalha além do horário contratual de trabalho? Como? Onde? (na empresa, online, outros?)

Tratamento das fotografias em casa, no computador. Mas como não tem um lugar onde trabalho. Não tenho um horário oficial.

8. Tem smartphone? Fica conectado o dia todo? Se não, quantas horas por dia?

Sim, fico conectado o dia todo.

9. Que ações realiza pelo celular? (vê mensagens de SMS, WhatsApp, Facebook, Envia e recebe e-mails, lê textos ou documento pessoais e/ou de trabalho, alguma outra ação não citada aqui?)

WhatsApp e e-mails. Consulto bastante para ver mensagens.

10. Fica com o celular ligado durante todo o dia? Costuma levá-lo para todos os lugares que vai?

Sim, costume.

11. Em casa, leva o celular com você para todos os lugares/cômodos em que vai?

Não. Às vezes deixo num canto da casa e volto. Às vezes levo comigo, mas não é sempre.

12. Confere o celular de quanto em quanto tempo? (20s; 50min; 1min; 5min; 10min; 30min; 1h?)

Varia, entre meia hora e três horas. Acho que mais ou menos isso...

13. Está estudando no momento? O que estuda?

Tô estudando mestrado em comunicação.

14. Confere o celular durante a aula. Quantas vezes?

Não, apenas se alguém me escrever e apenas se o professor der um tempo durante a aula.

15. Quanto tempo se dedica a estudar por dia ou semana? Consegue se desligar de estímulos externos para estudar?

Estudo cerca de 5 horas por semana, estudo escutando música ou assistindo televisão, algumas vezes desligo tudo e só estudo. Às vezes estudo um pouco e confiro o celular.

16. Acha que conversar com alguém durante o dia é perda de tempo? E ler um texto longo?

Nenhuma das opções. Se tenho tempo me dedico bem a essas atividades.

17. Separa algum tempo na semana para não fazer nada? O que é fazer nada pra vc?

Sim, ouvir música, descansar o corpo e a mente.

18. Quantas mensagens (e-mail/WhatsApp) envia por dia, em média?

Alguns e-mails por dia... umas 30 mensagens de WhatsApp acho...

19. Costuma responder essas mensagens sempre imediatamente? Há alguma que demora mais para responder?

Se estou sem atividades respondo imediatamente, no entanto posso demorar meia ou uma hora ou mais para responder uma mensagem. Depende. Mas normalmente vejo elas logo.

20. Dorme com o celular ligado?

Sim.

21. Caso ele toque sinal de mensagem à noite, costuma conferir a mensagem? E costuma responder?

Apenas se eu não estiver com sono. Às vezes nem escuto nada e só vejo de manhã.

22. Costuma ter atividades de lazer? Quais?

Sim. Gosto de ouvir Música, assistir séries e filmes, tocar instrumentos musicais.

23. Quando realiza essas atividades (de lazer), faz outra coisa ao mesmo tempo? Como conversar, ver o celular, ler, estudar etc.

Não.

24. Costuma frequentar ambientes onde é preciso desligar o celular? O que faz e como se sente nesses momentos?

Sim, em palestras, shows, sinto que isso é normal, não sofro com isso. Às vezes deixo no vibrar e confiro o celular quando acaba o programa.

25. Sente que o tempo estabelecido para as atividades diárias é suficiente para se fazer tudo que precisa (trabalhar, estudar, ver amigos, realizar atividades física, de lazer, resolver pendências etc)?

O mundo está acelerado, eu costumo gerenciar meu tempo para que não me ocupe por muito tempo e com poucas atividades diárias. Às vezes o dia fica cheio, o que é normal, mas no máximo dois dias cheios por semana. Como consigo organizar meus horários de trabalho então consigo espalhar mais as atividades.

26. Dê um exemplo de atividade que realizou nos últimos anos e que sente que experienciou-a em profundidade (uma viagem, um projeto, um trabalho, uma conversa) e conte o porquê.

Tento viver todas minhas atividades com profundidade, ler um texto, ouvir um álbum de música, tocar instrumentos musicais, fotografar, ouvir uma palestra ou entrevista. Eu me concentro nessas atividades; me envolvo.

27. Gostaria de falar algo a mais que não foi perguntado, mas acha importante apontar?

As tecnologias são ótimas e estamos num momento de transformações no que diz respeito à comunicação digital. O mundo capitalista consumista nos dita o que devemos fazer em nosso cotidiano, no entanto é necessário dar um passo para trás, entendermos o

nosso propósito pessoal e usar dos aparatos tecnológicos a nosso favor, sem deixá-los acelerar nosso tempo e desviar de possíveis frustrações e ansiedades que esse novo cotidiano digital nos trás.